

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

WILLIAM FREIRES MOURA

**A PRÁTICA DISCURSIVA DOS CONTROLADORES DE VOO DO CENTRO
AMAZÔNICO: REFLEXOS E REFRAÇÕES DAS DIRETRIZES DE
ENSINO-APRENDIZAGEM PARA SARGENTOS DA AERONÁUTICA**

MESTRADO EM LETRAS

**MANAUS-AM
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

WILLIAM FREIRES MOURA

**A PRÁTICA DISCURSIVA DOS CONTROLADORES DE VOO DO CENTRO
AMAZÔNICO: REFLEXOS E REFRAÇÕES DAS DIRETRIZES DE
ENSINO-APRENDIZAGEM PARA SARGENTOS DA AERONÁUTICA**

MESTRADO EM LETRAS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Amazonas, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa.

MANAUS-AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M929p Moura, William Freires
A prática discursiva dos controladores de voo do Centro Amazônico : reflexos e refrações das diretrizes de ensino-aprendizagem para sargentos da Aeronáutica / William Freires Moura . 2023
90 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Leonard Christy Souza Costa
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Bakhtin. 2. Análise do Discurso. 3. controle de tráfego aéreo. 4. Escola de Especialistas de Aeronáutica. I. Costa, Leonard Christy Souza. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter respondido a minha oração.

À mulher da minha vida, Louise, por todo o tempo de qualidade do qual abriu mão para que esta singela pesquisa acontecesse.

Aos meus pais, Celso e Vanessa, por tudo. Absolutamente tudo. Mas, em particular, pelo excepcional incentivo à ideia do estudo como um caminho belíssimo a ser trilhado.

Às minhas irmãs, Viktoria e Ana Júlia, pela torcida constante e pelo apoio incondicional.

À Prof^a Dra. Juliana Silva Rettich, por me ensinar a ser autor dos meus textos escritos.

À minha primeira orientadora, Prof^a Dra. Fernanda Dias de Los Rios Mendonça, que, gentil, delicada e precisamente, guiou-me pela Teoria do Discurso, apresentando a mim os conceitos do Círculo de Bakhtin, desembaraçando-os com uma naturalidade como a de quem fala de assuntos cotidianos.

Ao Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa, pela autonomia concedida a mim como pesquisador. O fato de, numa só pesquisa, eu poder ter contado com o aval de dois grandes orientadores serviu de chão firme para meus pés, cujos passos, ainda não tão firmes, buscam um longo caminho trilhar.

Ao 1º Ten. Esp. CTA Flavio Ximenes Medrado dos Santos, por ter sido tão prestativo, colocando ao dispor arquivos da Seção de Instrução do CINDACTA IV. Obrigado, porque seu estímulo a esta pesquisa ultrapassou o âmbito institucional.

A meus grandes amigos e amigas, mas, em especial, aos que recebi da minha *alma mater* e a quem me sinto impelido a brindar: Felipe Moraes e Poliana Podgorski, que nossa troca continue rica e tendo como único débito o amor que temos uns para com os outros. Viva 2009/1!

À minha bolha social, sem a qual seria muito mais doloroso atravessar os tempos tenebrosos da pandemia. Obrigado, Andressa Lima, Bheatriz Lessa, Gabriella Santos e Viviane Borges.

À UFAM, por ser esse lugar repleto de vida e calor. Por ser esse lugar que me acolheu. Por ser esse lugar que agora é um pouquinho meu também. Obrigado à companheira de turma e ora amiga, Shirlen Viana, pelo apoio sempre presente e, sem dúvidas, inestimável.

A língua, a palavra, são quase tudo na vida humana.

(Mikhail Bakhtin)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado é fruto de pesquisa desenvolvida por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM. Realizamos uma retomada teórica de pressupostos da abordagem Círculo de Bakhtin¹, apresentando, nesse movimento, conceitos caros aos estudos discursivos dessa linha. No âmbito da investigação, o objetivo da pesquisa é estabelecer correlações entre as diretrizes do curso de prática de produção textual oferecido na Escola de Especialistas de Aeronáutica e os enunciados concretos produzidos por militares controladores de voo servindo na cidade de Manaus, formados nessa mesma instituição; trata-se, portanto, de pesquisa qualitativa. O caráter filosófico da perspectiva do Círculo de Bakhtin, que leva em conta o material linguístico - mas não só o material linguístico, como também as condições sócio-históricas de sua produção - bem como a proposta metodológica da Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2010), são pontos principais no conteúdo desta pesquisa. Os resultados da análise e das reflexões confirmam a hipótese de que as diretrizes do curso de língua portuguesa voltado para prática textual da EEAR pouco consideram os gêneros discursivos com os quais os sargentos terão de lidar nas atividades institucionais para as quais estão sendo formados. Apesar disso, há uma tendência de reformulação desses documentos a partir de 2019, nos quais há um maior nível de aprofundamento do que a Aeronáutica espera das disciplinas de produção escrita nesse contexto.

Palavras-chave: Bakhtin, Análise do Discurso, controle de tráfego aéreo, Escola de Especialistas de Aeronáutica.

¹ As referências ao que se convencionou chamar de Círculo de Bakhtin presentes neste trabalho se referem a estes três estudiosos: Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédev (1891-1938). Tais pensadores elaboraram o conjunto de ideias sobre língua, linguagem e discurso sobre as quais esta pesquisa se funda. O fato de o nome de Bakhtin se sobressair aos demais tem a ver com, entre outros motivos, algumas das principais obras da teoria terem tido a autoria desse estudioso atribuída a elas (FARACO, 2005, p. 56-57); posteriormente, pesquisas trouxeram à tona essa questão das autorias, o que não será tema deste trabalho, mas não impede ao leitor interessado de buscar tais informações nos estudos de Sheilla Grillo e Ekaterina Américo, especialmente no prefácio à edição de 2017 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, traduzido direto do russo por elas (GRILLO, 2017; GRILLO; AMÉRICO, 2014).

ABSTRACT

The following master thesis is the result of a research conducted within Programa de Pós Graduação em Letras at UFAM. We carried out a theoretical return to the assumptions of the approach from the study group that we know as Bakhtin Circle, presenting concepts to which Discourse Analysis is very attached, along this theoretical line. In the scope of the investigation, the objective of the research is to establish correlations between the guidelines of the textual production practice course offered at the Escola de Especialistas de Aeronáutica and the concrete utterances made by military flight controllers serving in the city of Manaus and graduated from that institution; therefore, this is qualitative research. The philosophical character of the Bakhtin Circle approach, which takes into account not only the linguistic material, but also the socio-historical conditions of its production, as well as the methodological proposal of the Dialogical Discourse Analysis, by Brait (2010) are key points in the content of this paper. The results confirm the hypothesis that the guidelines of the Portuguese language disciplines focused on textual practice at EEAR give little consideration to the discursive genres with which sergeants will have to deal in the institutional activities for which they are being trained. Despite this, since 2009, there has been an observable trend of reformulation of these documents, in which there is a deeper elaboration on what the Air Force expects from the disciplines of written production in this context.

Keywords: Bakhtin, Discourse Analysis, Air Traffic Control.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1 LINGUAGEM E IDEOLOGIA	11
1.1.2 <i>A palavra bivocal</i>	14
1.1.3 <i>Rupturas, interação e dialogismo</i>	17
1.2 LINGÜÍSTICA TEXTUAL E ANÁLISE DO DISCURSO: CAMPOS LIMÍTROFES	21
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
2.2 O TRIPÉ METODOLÓGICO E A POSTURA DO PESQUISADOR.....	24
2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
2.4 O CAMPO DA PESQUISA, GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	27
3 PRÁTICA SOCIAL DE ESCRITA E DIRETRIZES DE ENSINO: RUMOS DIVERGENTES.....	29
3.1 A DEFINIÇÃO DE CAMPO GERAL	29
3.2 OS OBJETIVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA I	33
3.2.1 <i>Os objetivos de Língua Portuguesa II</i>	39
3.2.2 <i>O Currículo Mínimo de Língua Portuguesa II, 2019</i>	43
3.3 OS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO	45
3.3.1 <i>Das necessidades reais de uso</i>	46
3.3.2 <i>Estranhando o familiar</i>	47
3.3.3 <i>Ficha de papel versus ficha eletrônica</i>	49
3.3.4 <i>Interação e resposta</i>	49
3.4 UM TIPO RELATIVAMENTE ESTÁVEL DE ENUNCIADO	51
3.4.1 <i>Viver é agir</i>	53
3.5 EXAME DAS FORMAS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	85

INTRODUÇÃO

Este trabalho situa-se na linha de pesquisa em Linguística Aplicada, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Insere-se no contexto do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Discurso (LADI), grupo liderado pela Prof.^a Dra. Fernanda Dias de Los Rios Mendonça. Com base na teoria do Discurso proposta pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2003 [1979]; BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 2006 [1929]), apresentamos uma análise em que se correlacionam tanto aspectos do ensino de produção escrita para alunos do curso de formação de sargentos da Força Aérea Brasileira (FAB), como os textos, já na categoria de enunciados concretos, que esses sujeitos confeccionam após formados. Para tanto, além das análises desses enunciados de contexto institucional, mencionamos os documentos educacionais dessa Força Armada, nos quais constam a visão de língua e ensino-aprendizagem que eles refletem e refratam.

Antes de adentrar propriamente nessa discussão, cumpre apresentar, de maneira breve e resumida, o contexto do qual a pesquisa trata, visto que se refere a um cenário bastante peculiar. Em termos simplificados, os profissionais em controle de tráfego aéreo têm como atribuição principal prestar um serviço com a finalidade de evitar que ocorram colisões de aeronaves, sejam essas possíveis colisões entre aeronaves, sejam contra obstáculos no terreno, como antenas ou relevos. Desempenham essa função emitindo instruções aos pilotos com o uso de rádio e, frequentemente, monitorando uma tela com informações captadas por radares². As viagens por meio de transporte aéreo contam com uma rede de controladores de tráfego aéreo (doravante também ATCOs, acrônimo internacionalmente utilizado, do inglês *air traffic controllers*), a fim de que passageiros e tripulações cheguem com segurança aos seus destinos.

Ao citar Moreira e Vidal (1999), Motter e Gontijo (2010, p.49) destacam que, na Europa, o ATCO é considerado “Artesanato intelectual”. Tal é a relevância desses profissionais, que, no Brasil, o Ministério da Defesa os descreve e classifica como “pessoal que exerce funções sensíveis à segurança”, conforme a definição que segue:

² Como mencionado, trata-se de explicação simplificadora e generalizante a respeito de como funciona a comunicação no controle de tráfego aéreo. Mensagens de texto e sinais visuais por meio de luzes também são formas de comunicação entre controlador e piloto em contextos específicos. Para detalhes técnicos a respeito da prestação desses serviços, a ICA 100-37 é documento basilar nesse sentido. O documento encontra-se disponível em: <https://publicacoes.decea.mil.br/publicacao/ica-100-37>. Acesso em 25 mar. 2021.

Pessoas que poderiam pôr em perigo a segurança da aviação se executassem seus deveres e funções de modo indevido. Essas pessoas compreendem, entre outras, os membros da tripulação de voo, o pessoal de manutenção de aeronaves e os controladores de tráfego aéreo (BRASIL, 2016, p. 15).

A respeito da formação desses profissionais, ela acontece simultaneamente à instrução militar na Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR), cujo programa prevê aulas de redação em duas séries, cada uma com duração de um semestre letivo. Esses militares, após se formarem sargentos controladores de voo, são dispersos por todo o Brasil, sendo alocados em suas respectivas unidades. Quando chegam aos quartéis, devem ainda passar por um estágio probatório de, em média, cinco meses, para, só assim, efetivamente exercerem a função³. Nesse treinamento, o estagiário trabalha sempre acompanhado por um instrutor que detém a responsabilidade sobre o serviço. Em suma, até esse controlador aprendiz receber habilitação para emitir sua primeira instrução a um piloto, decorre o considerável período de, no mínimo, dois anos e meio.

O ponto de interesse, em termos de pesquisa, é que, quando ocorre o estágio prático citado, o instrumento formal de avaliação do qual o instrutor dispõe é uma espécie de ficha, em forma de relatório. Nela, esse ATCO instrutor deve descrever como foi o desempenho do aluno naquela atividade prática, que dura aproximadamente 1 h e 30 min. Diante desse panorama, podemos construir pontes de reflexão entre as aulas de português ocorridas na EEAR e os enunciados escritos efetivamente apresentados pelos militares formados.

No propósito de entender essa dinâmica, lembremos que a divulgação mais ampla da teoria de gêneros discursivos no Brasil foi alavancada, a partir do final da década de 1990, pela publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), impulsionando uma ampliação dos horizontes no que se refere às concepções de língua e ensino. Tais avanços foram contribuintes para uma discussão mais ostensiva sobre a abordagem na qual a língua não é tida como um sistema fechado em si mesmo, mas como relacionada com as atividades humanas diárias, por meio dos enunciados emitidos. Essa concepção reverbera as ideias do Círculo, segundo as quais é com o gênero discursivo que se vai buscar como o discurso atravessa a materialidade dos enunciados concretos; em outras palavras, como determinado campo de atuação humana intersecta o enunciado concreto, sabendo que os gêneros

³ O documento intitulado ICA 100-18 detalha, de maneira pormenorizada, a duração mínima dos diversos tipos de estágios que o controlador deve cursar cada vez que precise ser habilitado em determinado órgão de controle. Documento disponível em: <https://publicacoes.decea.mil.br/publicacao/ica-100-18>. Acesso em: 25 mar. 2021.

discursivos são tão variados quanto o podem ser os ramos da atividade humana (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 261). Destarte, torna-se objeto de interesse docente que os aprendizes saibam interagir adequadamente por meio dos gêneros que precisem utilizar na vida. Entendemos então que, numa ótica educacional, é preciso buscar práticas pedagógicas cada vez mais adequadas aos objetivos específicos que certos contextos demandam, e é essa cosmovisão, a propósito, que justifica enquadrar esta pesquisa na linha da Linguística Aplicada, já que ocorre a partir desse viés, segundo o qual o ensino-aprendizagem de língua deve oportunizar a formação de sujeitos que consigam enunciar adequadamente segundo os gêneros discursivos que suas vidas demandem.

Nesse contexto, citamos os PCN porque, no âmbito do cotidiano escolar, trouxeram reflexões de relevância na busca desse tipo mencionado de práticas. Contudo, para o caso de uma esfera de ensino técnico, ou ainda, uma esfera de ensino técnico-militar, surgiu a questão da existência de um documento que fosse análogo aos PCN; sendo esse o caso, poderíamos investigar como se encaminha o processo de ensino-aprendizagem nesse contexto, que tem ainda muito a ser explorado por pesquisas acadêmicas. Ao fazermos esse questionamento ao Ministério da Defesa por meio da Lei de Acesso à Informação⁴, foi-nos comunicado que existem dois documentos dessa natureza, intitulados Currículo Mínimo (CM) e Plano de Unidades Didáticas (PUD). Para a finalidade desta pesquisa, utilizamos exemplos apenas do CM, visto que o conteúdo de interesse da pesquisa, qual seja, os objetivos das disciplinas de redação, repete-se no PUD, de modo que entendemos ser redundante trazer citações de ambos os documentos.

Sabendo da existência desses referenciais, foi possível traçar mais precisamente os objetivos da pesquisa; dessa forma, o objetivo geral é **investigar as relações entre os gêneros discursivos produzidos pelos controladores de voo do Centro Amazônico e as diretrizes do curso de língua portuguesa a que eles têm acesso na EEAR**; os objetivos específicos são:

⁴ A lei de acesso à informação permite que qualquer cidadão brasileiro inquiria órgãos públicos a respeito de quaisquer assuntos institucionais. BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. **Lei de acesso à informação (LAI)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 15 mai 2021.

- identificar a visão de língua e os parâmetros norteadores do ensino-aprendizagem subjacentes ao CM e ao PUD;
- analisar como e em que medida o conjunto de práticas pedagógicas do curso oferecido atende às necessidades reais de uso, pelos militares ATCO lotados no Quarto Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA IV), em contexto institucional;
- analisar enunciados concretos de instrutores do Centro de Controle de Área Amazônico, buscando compreender ativamente que procedimentos discursivos orientam esses controladores de voo ao redigir fichas de estágio.

Além disso, vale destacar uma das motivações pessoais para apresentar esse projeto de pesquisa. Por um lado, como aluno de licenciatura do curso de Letras (Português - Literaturas), tive contato com diversos métodos de elaboração de materiais de ensino-aprendizagem, sempre aliados a teorias de língua e educação que problematizavam o ensino em vigor. Dessas problematizações, a principal delas residia no reconhecimento de uma atitude não rara entre professores: reproduzir e perpetuar a abordagem conteudista que outrora receberam e que geralmente tem a língua como um sistema em si mesmo, deslocado da vida cotidiana. Por outro lado, como aluno do Curso de Formação de Sargentos, na especialidade técnica Controle de Tráfego Aéreo, tive instruções acerca de tecnologias cuja evolução acontecia de maneira tão veloz que, quando a turma assistia às lições sobre dado sistema ou equipamento, o assunto já apresentava grau significativo de defasagem quanto à sua aplicabilidade.

Nesses contextos, relacionados sempre ao aperfeiçoamento constante da técnica, tive uma surpresa agradável na Escola de Especialistas de Aeronáutica: o curso oferecia um ano de aulas de produção textual. A parte doce se refere a meu gosto pelo assunto. O lado acre, no entanto, deve-se à prática pedagógica que ocorreu: a experiência no curso levou-me a associá-lo aos momentos finais do ensino médio, nos quais há o estudo de redação com abordagem baseada em provas de vestibular. Minha posição de profissional formado, tanto em Letras como em Controle de Tráfego aéreo, me permitiu estar em um ponto de observação privilegiado e conveniente à compreensão desse tipo de tópico. Somado a isso, o contato com a teoria do Círculo foi o fator que tornou possível a sistematização de tais inquietações na forma de projeto de pesquisa. Assumir a posição de pesquisador foi, neste caso, um

compromisso ético; se, como disse Bakhtin, (2017 [1920-24], p. 96), não há álibi para a existência, este é um caso em que, dada a minha posição singular e axiológica no mundo, não há também álibi para esta proposta de pesquisa.

No que se refere à relevância deste estudo, cremos e objetivamos que ele possa ter grau de pertinência e contribuição à sociedade, à própria Força Aérea e ao contexto pedagógico no qual este trabalho adentra. Antes de argumentar de que maneira isso pode ocorrer, algumas considerações sobre o contexto se fazem apropriadas.

Os controladores de voo lotados no CINDACTA IV têm, sob sua responsabilidade, uma área de aproximadamente 60% do território nacional (BRASIL, 2012, p. 74), o que corresponde a praticamente um terço de todo o espaço aéreo sob jurisdição do Brasil. O Anuário estatístico de tráfego aéreo de 2017 registrou, no período de um ano, aproximadamente 280 mil movimentos aéreos nos céus amazônicos (RIO DE JANEIRO (ESTADO), 2017, p. 213). Isso inclui voos que sequer pousam na região Norte do nosso país, trechos como Miami-Guarulhos, Rio de Janeiro-Orlando, Lima-Madri, Nova Iorque-Buenos Aires etc. são alguns exemplos de voos que percorrem os céus do Norte, sendo controlados pelos ATCOs na capital amazonense.

Ciente desse cenário, é possível estimar quantas vidas viajam sob a responsabilidade desses profissionais. Nessa perspectiva, iniciar um diálogo no sentido de identificar e solucionar quaisquer problemas afetos a essa atividade profissional, especificamente no período de formação, pode, em última instância, trazer ganho para a sociedade brasileira, na medida em que esta, indiretamente, poderá dispor de uma infraestrutura cada vez mais apropriada à realização do direito constitucional de ir e vir. Dessas aplicações do serviço em questão, já se pode delinear a justificativa da necessidade de pesquisas que aperfeiçoem a formação de tais servidores.

Somado a isso, lançar luzes acerca de quais bases apoiam o ensino de redação num ambiente de formação militar é um ato que pode adicionar conhecimento sobre as práticas pedagógicas de produção textual em seus variados contextos. Como já dito, o instrutor em controle de tráfego aéreo redige, em seu dia a dia, textos em forma de relatório, que funcionam como meio de registro do desempenho do estagiário. É por esse enunciado que qualquer potencial falha diagnosticada chegará, de maneira formal, ao conhecimento dos responsáveis por conceder ou negar a habilitação ao aprendiz. Nesse sentido, é patente a

importância desses escritos, bem como de seu valor documental. Oliveira (2004), ao tratar de ensino de língua portuguesa, diz o seguinte:

É claro que o mundo da escola (...) é um simulacro, e não há mal em que seja assim, mas quanto maior o grau de correlação com o real, ou seja, quanto mais o simulacro se aproxima da realidade, mais fácil se torna a tarefa do aluno (ou do candidato). O objetivo não é a dificuldade pela dificuldade. (OLIVEIRA, 2004, p. 190)

O excerto provoca reflexão a respeito da carência de mais práticas voltadas - em grau adequado - às reais necessidades dos alunos quanto à interação verbal em dados contextos. Dessa necessidade decorre também a relevância da pesquisa no âmbito pedagógico, pois acreditamos que tal demanda existe no ambiente a ser investigado.

Quanto à Força Aérea como instituição, vale ressaltar um fato: o Brasil é um dos pouquíssimos países onde o controle do tráfego aéreo civil é exercido por uma Força Armada. Essa é uma situação bastante peculiar e que, naturalmente, traz vantagens e desafios. As vantagens dizem respeito a questões de segurança, economia e outras que não mencionaremos a fim de não se perder o escopo do texto. Dos pontos desafiadores⁵, o que nos interessa, no entanto, é o de que, no Brasil, existe essa situação rara de a Aeronáutica ter de atrair jovens para uma carreira militar e, em seguida, ensinar-lhes uma profissão que é, no contexto internacional, altamente técnica. Nesse cenário, o fato é que há abertura de concursos nos quais sequer metade das vagas são preenchidas. Havendo contribuições científicas à formação desses especialistas, a Aeronáutica brasileira terá, ao seu dispor, conhecimento que, de certa forma, pode contribuir para sua missão, cuja síntese é: “manter a soberania do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da pátria” (FORÇA AÉREA BRASILEIRA, 2018).

⁵ Sobre esse assunto, Araujo (2022) escreveu um relato etnográfico a respeito da dualidade entre a cultura militar e o exercício do controle de tráfego aéreo. Segundo ele, a gestão dos serviços de navegação aérea “conduzida pela Força Aérea Brasileira (FAB), é ultrapassada e atípica se comparada com a comunidade de aviação civil internacional, indicando ser mais apropriado um modelo de gestão civil” (ARAUJO, 2022, p. 1).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo contém uma breve retomada teórica dos conceitos mobilizados para esta pesquisa. Procuramos discutir especialmente a concepção e o lugar da linguagem segundo a ótica possibilitada por Bakhtin, lugar esse que não abarca toda a feitura da pesquisa, mas sim uma parte dela, já que temos uma abordagem abrangente, de projeções totalizantes, quanto aos fenômenos que seleciona para estudo.

1.1 LINGUAGEM E IDEOLOGIA

Como dito, as concepções teóricas desta pesquisa estão apoiadas nas ideias bakhtinianas (AMORIM, 2006; BAKHTIN, 2003; BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 2006 [1929]; BRAIT, 2010; MENDONÇA, 2014). Por essa ótica, entendemos a língua não como um sistema fechado em si, mas sim como prática de interação social entre sujeitos sócio-históricos, interação essa de base verbal, materializada nos enunciados concretos componentes do *corpus* desta pesquisa. Além disso, vale ressaltar que a proposta teórica do Círculo não se atém a definir conceitos afetos apenas à linguística. Mais que isso, trata-se de uma proposta com maior grau de abrangência, na qual está em jogo, por exemplo, uma explicação acerca de quem são os sujeitos que enunciam, em que momento histórico se inserem e a partir de qual esfera de atividade humana se expressam. Está em jogo, portanto, uma teoria de caráter filosófico, “cujo fim é compreender e explicar a própria essência constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, considerando tanto o aspecto da individualidade subjetiva como o da sua condição intersubjetiva de constituição”, como resume Mendonça (2014, p. 27).

É na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 2006 [1929]) que essa compreensão e explicação estão expostas de maneira mais detalhada. A partir da crítica ao que chama de subjetivismo idealista e objetivismo abstrato, Volóchinov inicia a construção de um arcabouço teórico segundo o qual a palavra assume posição de destaque quando se quer compreender os sentidos que são produzidos para e pelos sujeitos.

Para elaborar sua crítica, levanta a questão acerca de como os conjuntos de ideias estabelecidas na sociedade, as ideologias⁶, se manifestam. No lugar da abordagem idealista, que entendia a ideologia como pertencente ao mundo das ideias, Volóchinov defende que a ideologia pertence, na verdade, ao mundo dos signos. Isso porque, segundo ele, não existe ideia sem signo, visto que até mesmo para entender um signo são necessários outros signos. Em suas palavras, "a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos" (p. 32). A conclusão, portanto, é a ideia de que o pensamento existe por meio da língua e é composto por ela. Nessa lógica, os signos linguísticos cumprem papel fundamental para exteriorizar a ideologia. Mendonça (2014) tece comentário a esse respeito:

Na perspectiva bakhtiniana, a ideologia compõe-se, dialeticamente, de dois polos antagônicos que se interpenetram e interinfluenciam: a ideologia oficial, que corresponde às esferas de domínio ideológico que sustentam a organização e as relações de uma dada sociedade – a ciência, a religião, a arte etc. – e que equivale a uma estrutura relativamente estável e dominante que procura fixar uma concepção única de representação do mundo; e a ideologia do cotidiano, que corresponde às relações fortuitas do dia a dia, funcionando como gérmen dos sistemas de referência que irão compor a ideologia oficial e que equivale a um acontecimento relativamente instável (MENDONÇA, 2014, p. 51-52).

Uma característica dos signos, ainda segundo Volóchinov (2006 [1929], p. 30) é que, apesar de manterem referência ao mundo exterior, os signos não se confundem com a materialidade física daquilo a que se referem. Ele usa como exemplo o pão, que em contexto específico de culto cristão se manifesta como símbolo religioso. Contudo, nessa situação de sacramento, o signo religioso "pão" não se confunde com o alimento físico da cerimônia. Há uma demarcação nítida entre o que é a coisa representada e o que é o signo que a representa. Exemplo notório e notável dessa ideia de separação bem definida entre signo e objeto material se encontra no quadro *A Traição das imagens*, de René Magritte, obra na qual, como se sabe, há a figura de um cachimbo encimando os dizeres *ceci n'est pas une pipe*⁷ (MAGRITTE, 1929). A pintura do surrealista belga, provocando a questão dos limites da representação, ecoa, de certa forma, a concepção do filósofo russo, segundo a qual esse limite é delineado de maneira nítida. Mesmo que, na fala corriqueira, por exemplo, seja completamente plausível

⁶ Parece-nos oportuno ressaltar que, neste trabalho, o termo "ideologia" não se refere a ideologias partidárias de quaisquer tipos. A respeito do termo, Souza (2014) e Chauí (1980) apresentam explicações muito instrutivas.

⁷ "Isto não é um cachimbo", em tradução livre.

que alguém se refira à imagem de um cachimbo de modo idêntico ao que se refere ao próprio objeto cachimbo, não seria verossímil que esse mesmo sujeito, numa situação corriqueira, tentasse encher a imagem de tabaco e, por fim, acendê-la com o objetivo de fumar.

Ainda quanto a essa relação entre ideologia e realidade material, vale dizer que, para os idealistas, algum tipo de vínculo também existia; contudo, tal vínculo era encarado, segundo Volóchinov (2006 [1929], p. 32), apenas como uma efetivação material do que foi compreendido pelo pensamento, como, por exemplo, a produção vocal de uma palavra. Na visão dos idealistas, a ideologia residia na mente. Para o Círculo, como dissemos, o que está na mente só existe por meio da palavra. Por isso mesmo, Volóchinov considera erro da abordagem idealista colocar a consciência individual como totalmente responsável pela produção de sentidos, como se ela estivesse acima da realidade. Para ele, a ideologia só se constrói pelo contato entre indivíduos. Esse contato não decorre simplesmente de uma presença de dois humanos lado a lado, os signos só aparecem quando esses humanos estão socialmente organizados, com suas próprias ideologias já definidas em cada uma das consciências individuais. Nas palavras do autor: “a consciência individual é um fato sócio-ideológico” (BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 2006 [1929], p. 33).

O cerne da questão é o entendimento do Círculo de que a consciência individual só existe por causa dos signos; logo, para entendê-la, é preciso estudar o processo de significação humano. Esse processo é a interação social, materializada pelo texto como enunciado concreto. Dessa forma, não é o estudo das ideologias que precisaria do estudo das consciências, mas sim a psicologia que precisaria entender os processos de significação. Esses processos devem recair, mais especificamente, no estudo da palavra. Nessa perspectiva teórica, ela passa a ser o “fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 2006 [1929], p. 34), cujas características principais são: 1) ter pureza semiótica: o único objetivo da palavra é significar; 2) ser um signo ideologicamente neutro, ou seja, capaz de pertencer às mais diversas ideologias; 3) ser o signo da ideologia do cotidiano; 4) ser interior, ou seja, o meio pelo qual se manifesta o pensamento; 5) ser base para quaisquer atos interpretativos: os signos não são todos redutíveis a palavras, no entanto uma pintura, uma música, por exemplo, apoiam-se na palavra, seja isso no canto, seja nos discursos motivadores ou interpretativos da obra.

Em conformidade com essa teoria, Geraldí (2013 [1991]) também faz uma crítica, cujo alvo é o que entende como uma visão ingênua da língua. Essa ingenuidade, segundo ele,

é achar que as expressões estariam já todas pré-definidas e prontas para o uso. Nesse caso, quem dominasse um maior número de palavras e expressões conseguiria necessariamente se expressar melhor. A crítica é que, na verdade, a língua não é um sistema fechado. Ao longo da história, os sujeitos vão modificando os sentidos que as expressões podem ter, de modo que elas ficam disponíveis para nós com significados que permitem uma expansão. A língua que temos disponível hoje é sempre um resultado desse trabalho feito no passado. Assim, o significado pleno das expressões só existe no enunciado concreto, na negociação entre interlocutores inseridos em dado momento histórico. O autor evoca Tullio de Mauro (1969 [1966], p. 28), ao dizer que não são as palavras por si só que significam, mas sim as pessoas por meio das palavras (GERALDI, 2013 [1991] p. 1-9).

Em termos da teoria do Círculo, é somente a interação o meio pelo que essas pessoas que significam o podem fazer, daí a alteridade ser elemento essencial na constituição dessa *palavra* de que estamos tratando: depender sempre do “outro” para significar é o que confere à palavra, nessa abordagem teórica, o caráter bivocal.

1.1.2 A palavra bivocal

Dizer que são as pessoas que significam, em vez de as palavras, permite-nos constatar o caráter relacional entre significação e vida em seu acontecimento real, em vez da significação baseada na língua como sistema abstrato. É nesse esteio que se entende o texto na teoria do Círculo: como realização material componente das relações humanas, motivo pelo qual, nessa ótica, quando se fala do texto a ser estudado, trata-se do texto como enunciado concreto:

Portanto, a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua, e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o *significado* de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extra-emocional. Há palavras que significam especialmente emoções, juízos de valor: “alegria”, “sofrimento”, “belo”, “alegre”, “triste”, etc. Mas também esses significados são igualmente neutros como todos os demais. O colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata; por exemplo: “Neste momento, qualquer alegria é apenas

amargura para mim” – aqui a palavra “alegria” recebe entonação expressiva, por assim dizer, a despeito do seu significado (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 292).

Em termos de metodologia analítica, ocorre, portanto, uma ruptura com a linguística de caráter imanentista; não que o Círculo de Bakhtin tenha proposto descartar esse tipo de teoria, até mesmo porque há o reconhecimento de certa aproximação de ideias com a retórica da Antiguidade, bem como da validade do caráter social e individual da língua no estruturalismo de Saussure (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 263); o que se propõe, na verdade é uma abordagem que subsidie o tratamento do texto como parte de um processo mais total e complexo, o que envolve também — mas não apenas — a análise do material linguístico. Naturalmente, essa visão mais holística exigiu uma nova teorização da ideia de enunciado. Em suma, cada enunciado é tratado sempre como acontecimento único e irrepetível (BAKHTIN, 2017 [1920-24]).

Esse enunciado concreto é, em termos bakhtinianos, a “palavra bivocal”, pois sempre envolve o outro. Nessa conjuntura, a alteridade não se limita ao outro imediato, mas sim a todos os potenciais sujeitos a quem o texto como enunciado pode chegar ao longo das épocas, uma vez que “a palavra sempre avança cada vez mais à procura da compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 334). Os sujeitos a quem a teoria do Círculo faz referência são aqueles que enunciam, os autores do enunciado inseridos em determinado espaço-tempo, atravessados pela ideologia, pelo discurso e pelas condições sócio-históricas específicas a que estejam submetidos.

Dentre essas condições específicas, o campo⁸ da atividade humana no qual, ou para o qual, certo enunciado é produzido certamente é matéria de destaque. O conceito se refere aos vários setores pelos quais a atividade humana se organiza, como o jornalístico, o burocrático, o educacional, o artístico, dentre inúmeros outros. A questão desses campos é que os enunciados produzidos em cada um deles apresentam bastante regularidade no que se refere a três aspectos: o assunto de que tratam, os recursos linguísticos estilísticos de que se utilizam e, principalmente, a composição formal pela qual se organizam. A regularidade de tais aspectos está diretamente relacionada a um dos principais conceitos da teoria bakhtiniana: os gêneros discursivos. Para os teóricos do Círculo:

⁸ Neste trabalho, os termos *campo* e *esfera* serão utilizados como sinônimos em referência à ideia de setor de atividade humana.

todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262, grifos do autor).

Bakhtin ainda classifica os gêneros em primários, aqueles corriqueiros, cotidianos, como diálogos e conversas informais, e em gêneros secundários, aqueles oriundos de esferas sociais mais complexas e organizadas, dentre os quais se incluem o romance, as pesquisas, os relatórios – objeto de análise nesta pesquisa – e outros dessa natureza.

Ainda quanto ao enunciado, Bakhtin (2003 [1979], p. 326) afirma que ele “nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular”. Para esse filósofo, o enunciado concreto é sempre a combinação de um elemento dado e um elemento criado. O dado se refere àquilo que motiva a expressão, podendo ser, por exemplo, um sentimento, um acontecimento observado, a língua etc.; dessas motivações surge o elemento criado, novo, sempre em relação com categorias de valor, como o verdadeiro, o belo e o bom.

Outro ponto é que o enunciado não é uma unidade linguística, como se pertencesse aos domínios da morfologia ou da sintaxe, nem mesmo da semântica, neste último caso porque do enunciado concreto não se diz que tem significado em si, mas sim que tem sentido, construído pelos sujeitos na interação. Tal sentido se refere ao caráter valorativo, ou axiológico, ao qual o material expresso irá se atrelar: se será verdadeiro ou falso, concordante ou discordante, belo ou feio, dentre outros. Nessa perspectiva, o enunciado é, com efeito, uma unidade do discurso que sempre requer compreensão ativamente responsiva, a partir da qual os sujeitos elaboram esses juízos de valor (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 332). Essa atividade ocorre mesmo quando se trata de um interlocutor que, numa perspectiva de teorias de comunicação como a de Roman Jakobson (2010⁹), por exemplo, é muitas vezes entendido como mero receptor, no sentido de “paciente”, de alguém que recebe tais enunciados com sentido único e acabado.

⁹A primeira edição é de 1976.

1.1.3 Rupturas, interação e dialogismo

No que concerne ao meio de construir os sentidos do texto como enunciado, esse é um processo que envolve não só o autor, mas também os destinatários. Conforme assinala Mendonça:

a significação é fruto da interação entre interlocutores, ou seja, embora ela se associe a uma palavra, só se realiza significativamente enquanto enunciado concreto, enquanto efeito de uma enunciação, de forma que só a comunicação verbal provê a palavra de significação (MENDONÇA, 2014, p. 42).

Nesse sentido, trata-se, na verdade, de uma negociação de sentidos. Por isso mesmo é que, segundo a teoria do Círculo, a compreensão é um processo ativo. Sob a ótica bakhtiniana, a interação é um processo complexo, que procuramos compreender ao considerar não apenas a superfície do material linguístico, mas sim a totalidade de fenômenos que simultaneamente compõem o processo, no qual estão incluídos o texto, os próprios sujeitos e o contexto de produção (MENDONÇA, 2014, p. 32). A esse respeito, em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin declara:

A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma” do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto mas um trio). Ele não é representado pelo autor e é inadmissível que seja introjetado (introjeção) no autor (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 328).

Fica evidente então o pensamento segundo o qual todos os sujeitos envolvidos num processo de interação têm papel ativo na construção de sentido, podendo tal sentido ser múltiplo e variável. Ao comentar esse assunto, Mendonça (2014, p. 37-38) revisita a classificação de Sobral (2009, p. 42-43), que reconhece quatro níveis de interação, de acordo

com a complexidade e a abrangência do processo. Embora apareçam delimitados para fins didáticos e analíticos, a realidade é que cada nível influencia e interpenetra os outros.

O nível mais básico consiste no contato verbal, seja ele direto ou indireto, entre dois interlocutores ou mais. Não obstante sua simplicidade, nesse primeiro nível, cujo contato é de caráter físico e material, está a base da interação. O segundo nível, por seu turno, está relacionado às circunstâncias do contexto imediato da interação, tais como a posição social ocupada pelos interlocutores e a legitimidade desses sujeitos para emitir ou avaliar certo enunciado. Há nesse nível, como se percebe, algum grau de abstração.

Se, por um lado, o nível dois concerne ao contexto imediato, o nível três, por outro, relaciona-se ao contexto mediato da interação. As forças que a estrutura organizacional da sociedade imprime, influenciando a forma dos enunciados, conforme divisões pautadas em nível cultural, de classe social e grupo econômico, por exemplo, é o que caracteriza o terceiro nível. Quanto ao quarto, é este o nível em que há maior grau de abstração, pois se refere a como os enunciados refletem e refratam o *zeitgeist*, o espírito da época, os valores sociais que atravessam a história, as relações culturais entre sociedades, o clima intelectual da sociedade em determinado espaço-tempo e fenômenos sociais dessa natureza.

Essa centralidade da interação como produtora de sentidos foi possível devido ao movimento de múltiplas rupturas da AD, especialmente com a análise de conteúdo e a filologia (POSSENTI, 2011). A análise de conteúdo buscava os temas dos textos; para essa perspectiva, escolhiam-se os temas e ia-se em busca, na superfície textual, de evidências que confirmassem tais temas. O texto, nessa lógica, seria como uma biblioteca na qual os livros são catalogados por temas, por exemplo. A AD, em vez de tratar como informação o que se encontra nos textos, traz essa ideia de efeito de sentido entre interlocutores. Em consonância com essa linha de pensamento, Brait (2010) assevera que a AD francesa e a bakhtiniana possibilitaram o regresso do sujeito ao tema dos estudos da linguagem.

Ademais, a AD rompe com a filologia em três domínios: i) a concepção de língua, já que a filologia defendia uma língua unívoca, por meio da qual seria possível obter a interpretação correta de um texto; ii) a relevância do papel do autor: se, por um lado, os filólogos criam que o autor produzia seus textos por si só, por sua própria razão, sendo bem-sucedido em expressar o que queria; por outro, Bakhtin, conceitua o enunciado como sendo moldado pelo interlocutor e pelo contexto sócio-histórico; iii) a forma de caracterização da conjuntura: na filologia, as sociedades eram sempre descritas como uma espécie de cena,

sem partições significativas de ideologia ou classe, diferente da visão marxista presente no Círculo (POSSENTI, 2011).

Esse conjunto de rupturas abriu caminho para que se postulasse a teoria de caráter interacional, aquela em que o dialogismo é um dos conceitos centrais. Em síntese, as relações dialógicas são um tipo específico de relação semântica¹⁰ entre dois enunciados ou mais, envolvendo necessariamente mais de um sujeito. Não se trata aqui da ideia de “diálogo” que temos corriqueira e originalmente, aquela cujo sentido é o de conversa entre pessoas - embora o gênero diálogo não escape ao dialogismo. As relações dialógicas são as que obrigatoriamente, no olhar da teoria do Círculo, compõem todos os enunciados, de modo que novos textos sejam sempre respostas a textos já existentes (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 323).

Esse elemento composicional e verbal dos enunciados concretos tem justamente como exemplo “mais externamente notório e simples de relações dialógicas” as relações entre as réplicas do diálogo real (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 323). Lembremos que, embora o dialogismo não seja um conceito postulado para se referir a diálogos, no sentido de conversa cotidiana, a conversa cotidiana também é feita de enunciados concretos, atravessados, em sua essência e composição, pelas relações dialógicas. Para Bakhtin:

só o enunciado tem relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito). Na língua existem apenas as possibilidades potenciais (esquemas) dessas relações (formas pronominais, temporais, modais, recursos lexicais, etc.). Contudo, o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito sujeito-autor falante [...], mas imediatamente – e isso é o que mais importa para nós – com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação. Fora dessa relação ele não existe *em termos reais* (apenas como *texto*). Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, etc. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 328, grifos do autor).

Nessa conjuntura, são os sujeitos da interação que tomam atitude valorativa a respeito do enunciado, eis uma fonte da qual advêm ideias utilizadas por movimentos teóricos que consideram o leitor como agente no processo de leitura, em vez de mero decodificador de sequências de palavras. É a partir desse conjunto de concepções que podemos mediar o

¹⁰ "Usamos aqui o termo “semântica” num sentido amplo, isto é, não se trata de uma referência ao campo de conhecimento, que se delimita e se separa da pragmática e do discurso, por exemplo. Trata-se aqui de semântica no seu sentido lato, qual seja, o de sentido, de significado, de forma geral. Vale lembrar que as relações dialógicas são discursivas, ou seja, consideram tempo e espaço a partir dos quais os enunciados são emitidos.

ensino-aprendizagem das estratégias de leitura, por exemplo, bem como realizar análises linguísticas descrevendo como tais estratégias operam (KOCH; ELIAS, 2008; SOLÉ, 1998). Ações como levantamento de hipóteses, predições e antecipações são procedimentos que permitem ao leitor construir sentidos ao lidar com o material textual; o acesso ao seu conhecimento de mundo, o reconhecimento do gênero discursivo com o qual se depara, a ativação do repertório sociocultural de que dispõe e como todos esses processos confirmam ou refutam as hipóteses de sentido que o leitor vai elaborando são exemplos de como pode se dar a “interação autor-texto-leitor” de que tratam Koch e Elias (2008, p. 12-18). Cumpre esclarecer que, embora essas autoras tragam propostas especificamente voltadas à superfície textual, não é objetivo deste trabalho encerrar a pesquisa com análises textuais; nossa perspectiva ultrapassa o enunciado e procura dar conta de outros aspectos discursivos; mesmo assim, durante o desenvolvimento da pesquisa, tal análise linguística revelou-se um passo pertinente. Para dar esse passo é que consideramos o diálogo com a Linguística Textual na vereda de nossa investigação, como se explica melhor na seção 1.2.

De semelhante modo, o sujeito enunciadador também se vale da compreensão ativa para que possa elaborar seus enunciados concretos, isso porque a interação é um processo dinâmico, durante o qual os interlocutores permutam os papéis, como ocorre em conversas, trocas de mensagem, elaboração de textos escritos acadêmicos (pois pressupõem leitura prévia, após a qual o leitor passa a ser escritor, intercala-se como leitor e vai alternando-se entre um e outro). É por isso, inclusive, que podemos aferir a existência de relação dialógica entre enunciados; tal interligação e simultaneidade sintetizam-se no que diz Bakhtin (2003 [1979], p. 332), quando afirma que “a própria compreensão integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total”.

1.2 LINGUÍSTICA TEXTUAL E ANÁLISE DO DISCURSO: CAMPOS LIMÍTROFES

Como bem resume Alves Filho (2017, p. 336), Linguística Textual (LT) e Análise do Discurso (AD) estão, ao mesmo tempo, perto e longe uma da outra. O oxímoro expresso pelo autor se refere às semelhanças e diferenças que as duas abordagens compartilham: o alto nível

de convergência das semelhanças pode dar a impressão de que os dois campos de conhecimento sempre se interseccionam, tendo, nessa lógica, limites fluidos; outrossim, o alto nível de divergência das diferenças remete à ideia de separação absoluta dos dois campos de conhecimento, que teriam, nessa perspectiva, limites sólidos. Não nos parece sensato tomar partido no sentido de resolver essa disputa, mas sim explicitar quais fronteiras entre a LT e AD nos interessa desfazer e quais delas nos importa marcar, uma vez que o diálogo entre elas é de interesse para nossa proposta.

No que se refere às proximidades, as duas correntes teóricas partilham da crítica aos métodos de entendimento da língua por meio de frases soltas ou textos hipotéticos. O texto real, o enunciado compartilhado, a palavra expressa, esse é o objeto de interesse de linguistas do texto e analistas do discurso. Alves Filho (2017), ao tratar da novidade trazida pela dupla de abordagens, retoma Van Dijk (1985, p. 2-3), esclarecendo que LT e AD incorporam a visão teórica de que o discurso, em vez de conjunto de palavras enunciadas, passa a ser tido como interação social. Em síntese, parte-se de uma visão de língua bastante similar, já que a materialização dela, em forma de textos e enunciados, é algo que ambas as construções teóricas terão presente em suas investigações.

Tendo em vista essa interseção, cumpre demarcar as diferenças. A principal delas reside no que cada uma das áreas define como escopo de suas pesquisas: se na LT, por um lado, examina-se o material disponível em forma de texto, de modo que quem estude esse campo possa avaliar os recursos utilizados para sua escrita e entendimento — seja no estudo da coesão e da coerência, seja na descrição de como se constroem os sentidos¹¹ — o analista do discurso, por outro lado, preocupa-se em explorar as relações do enunciado com outros elementos da interação, como a historicidade, a intenção, os sujeitos que interagem etc. A AD pressupõe a busca de explicações sobre como a construção do enunciado e estrutura da sociedade (especialmente numa visão marxista) interagem e se interferem mutuamente.

É, portanto, sobre o baldrame teórico da AD que esta pesquisa se constrói. Importa fazer esse esclarecimento, pois, nessa delimitação teórica, podemos calibrar os questionamentos do estudo proposto. Exemplo do norte das perguntas de pesquisa deste

¹¹ Obras brasileiras de referência em tais assuntos, de leitura acessível e sem prejuízo na profundidade do estudo, são as de Koch (1989, 1997). A propósito, Ingedore Villaça Koch deixou contribuições inestimáveis à divulgação da LT no Brasil, especialmente no que se refere a tornar acessível, lançando mão de clareza e didática ímpares, os conhecimentos desse campo de estudo. Todas as suas publicações são de qualidade indiscutível. Que se registre esta singela homenagem, tendo em vista sua partida recente.

trabalho encontra-se em Mendonça (2014) que, ao tratar da relação hierarquizada entre professores e alunos, na qual estes deveriam submeter relatórios de estágio que também serviriam de avaliação, descreve:

essa relação particular gera a consequência do alto grau de coercividade que incide sobre a produção dos textos, impondo limites restritos às possibilidades de elaboração dos enunciados por parte dos alunos e interferindo, fortemente, na antecipação que o sujeito/aluno faz (discurso interior) ao elaborar seus dizeres, uma vez que seu papel social, nessa interação, o faz projetar a aceitação do seu dito pelo interlocutor/professor para elaborar esse dito sobre as diretrizes dessa aceitação. Por isso, a consideração dos sujeitos professores de estágio, interlocutores diretos, aos quais os graduandos dirigem seus relatórios, é tão importante quanto desses produtores, no contexto de nossa análise dialógica (MENDONÇA, 2014, p. 101).

Na esteira desse tipo de enfoque, questionamos: que interlocutor é suposto na construção das fichas de estágio? Que marcas específicas caracterizam esse gênero discursivo? Que forças atuam na enunciação? Em que medida a institucionalidade atravessa a questão da autoria?

Com essas perguntas norteadoras, encerramos o presente capítulo, no qual apresentamos, dentro dos limites relacionados a este gênero do discurso, conceitos que permitem ver as bases sobre as quais o trabalho se erige. Expusemos o tema da composição do enunciado concreto, com seu caráter de evento único e irrepetível; reconhecemos a volta do enfoque no sujeito aos estudos linguísticos, bem como visitamos o conceito de dialogismo para o Círculo e os níveis de interação verbal segundo Sobral (2009).

No capítulo seguinte, traçamos a rota a ser percorrida neste fazer científico, e com que postura podemos e devemos caminhar nela; em termos denotativos, explicamos como uma sistematização aberta como a Análise Dialógica do Discurso convém aos pressupostos metodológicos propostos pelo Círculo de Bakhtin. Contudo, isso não é feito antes de discutirmos uma das ideias fundantes da teoria bakhtiniana, a saber, a centralidade do enunciado concreto nos estudos discursivos desta natureza.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo traça os caminhos e descreve os passos a percorrer durante a busca de respostas para as perguntas feitas. Trata-se dos “procedimentos metodológicos” que serão adotados. O motivo das aspas é que, a bem da verdade, *postura metodológica* é o termo que melhor representa o fazer investigativo a que nos lançamos. Dessa maneira, trazemos explicações sobre que conduta o pesquisador deve assumir, de acordo com a metodologia proposta pela Análise Dialógica do Discurso, bem como breves esclarecimentos acerca dos sujeitos e do contexto da pesquisa.

2.1 No centro do Círculo, o texto

Ao tratar dos procedimentos metodológicos específicos das ciências humanas, Bakhtin afirma que é justamente a centralidade do texto que a difere da pesquisa nas ciências exatas e naturais. A definição de texto, nesse momento específico, é abrangente, descrita como “qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 307). Bakhtin ressalta que, mesmo disciplinas de conhecimento artístico, como musicologia, história da arte, teoria da literatura estão erguidas sobre textos, já que se enquadram num fazer científico de comentários sobre comentários, pensamento sobre pensamento, palavras acerca de palavras.

Como não poderia deixar de ser, esta pesquisa, de método qualitativo e inserida no paradigma interpretativista de investigação (DÖRNYEI, 2007), também se centra na análise de textos, neste caso, escritos. Vale lembrar, no entanto, que tais textos serão tomados como enunciados concretos, isto é, como superfície linguística que nos permitirá entrever ideologias, posições axiológicas e até mesmo alguma manifestação do próprio discurso, conforme explicamos alhures. Dito de outra forma, o texto como enunciado é central nesta análise, visto que nos aponta o discurso; entretanto, de forma alguma pode ser o elemento único da investigação, considerando a amplitude do escopo de uma pesquisa bakhtiniana.

Temos, dessa forma, uma análise de caráter mais totalizante, que ultrapassa os procedimentos de análise linguística, mas sem prescindir deles. Bakhtin, como sabemos, não sistematizou uma metodologia analítica do fenômeno interativo, antes deixou evidente que

sua proposta era a de, na verdade, atuar entre fronteiras de ciências com métodos já estabelecidos:

Cabe denominar *filosófica* a nossa análise antes de tudo por considerações de índole negativa: não é uma análise linguística nem filológica, nem crítico-literária ou qualquer outra análise (investigação) especial. As considerações positivas são estas: nossa pesquisa transcorre em campos limítrofes, isto é, nas fronteiras de todas as referidas disciplinas, em seus cruzamentos e junção. [...] Onde não há texto, não há objeto de pesquisa e pensamento. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 307).

2.2 O TRIPÉ METODOLÓGICO E A POSTURA DO PESQUISADOR

A despeito da falta de uma metodologia com limitações demarcadas, *Marxismo e filosofia da linguagem* nos deixou alguns pressupostos a serem considerados, com os quais orientamos a feitura desta pesquisa. São eles:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929], p. 127)

A esse respeito, Brait (2010) conclui que os estudos de Bakhtin acerca da linguagem permitem teorizar uma metodologia de estudo linguístico, a que chama de Análise Dialógica do Discurso (ADD). Esse é um método que não é fechado nem linear, antes constrói-se a partir da própria análise do *corpus*, isso porque a ADD se pauta, essencialmente, numa postura que o pesquisador assume ante o *corpus*, à pesquisa e à própria linguagem, esta tomada como um tipo metafórico de lugar no qual se produz conhecimento.

A mesma autora esclarece que, a partir do pensamento bakhtiniano, surgiram diversos círculos que se debruçaram sobre as ideias dessa corrente teórica. Um desses círculos destaca que a diferença da visão bakhtiniana em relação às outras abordagens é que ela se funda no

caráter ético, estético e filosófico – ou epistemológico, como prefere Amorim (2007) – da linguagem (BRAIT, 2010, p. 15).

Esse caráter epistemológico se refere ao próprio olhar que se tem sobre a pesquisa e seu objeto. Nessa ótica, a pesquisa bakhtiniana rompe com a prática estruturalista, na medida em que o pesquisador não se coloca na posição de meramente *explicar* certo objeto, do qual está separado e com o qual não se confunde; com base na ADD, o pesquisador deve ter como fim *compreender* o fenômeno complexo da interação, do qual fatalmente também faz parte (BRAIT, 2010). É a partir do embate com o discurso do outro, também sujeito, que pode ocorrer o processo de compreensão. Em ADD, em última instância, não lidamos com objetos, lidamos com sujeitos. Explicar o outro, considerado em seu contexto sócio-histórico, entendendo a nós mesmos como também inseridos num espaço-tempo específico traduz a essência dialógica da pesquisa sob a égide da ADD. Assim como Brait (2010), citamos oportunamente o trecho de Amorim (2007) que sintetiza essa visão:

A produção de conhecimento e o texto em que se dá esse conhecimento são uma arena onde se confrontam múltiplos discursos. Por exemplo, entre o discurso do sujeito analisado e conhecido e o discurso do próprio pesquisador que pretende analisar e conhecer, uma vasta gama de significados conflituais e mesmo paradoxais vai emergir. Assumir esse caráter conflitual e problemático das Ciências Humanas implica renunciar a toda *ilusão de transparência*: tanto do discurso do outro quanto de seu próprio discurso. E é portanto trabalhando a *opacidade dos discursos e dos textos*, que a pesquisa contemporânea pode fazer da diversidade um elemento constituinte do pensamento e não um aspecto secundário (AMORIM, 2007, p. 12, grifos nossos).

Nesse sentido, é de suma importância a condição ética a que o pesquisador deve se submeter, pois é invariavelmente essa postura que propiciará ao sujeito pesquisador uma análise adequada do fenômeno proposto – do qual faz parte – utilizando como instrumento a compreensão ativa. Como se pode notar, a qualidade da pesquisa feita com base na ADD está intimamente ligada à adoção da postura ética por parte do pesquisador. Tal postura a ser adotada corresponde à responsabilidade que o analista do discurso deve assumir na realização de suas análises, segundo a qual deve aplicar-se em compreender, de fato, as questões discursivas que venham a permear os enunciados concretos com que se depara.

A partir dessa atitude responsável com o enunciado do outro, o sujeito pesquisador pode então assinar a obra. Essa assinatura é um conceito que se refere ao acabamento

particular que o pesquisador confere ao texto. Para melhor compreender essa ideia, basta lembrar que, na perspectiva do Círculo, mesmo quando ocorre uma citação ou uma reprodução do enunciado do outro, isso não significa integralmente uma duplicação do discurso desse outro. Ocorre, na verdade, um recorte, uma seleção de enunciados, que estarão a serviço dos propósitos de quem os recortou e selecionou. Essa apropriação de enunciados alheios que enseja ao pesquisador, a partir de seu lugar privilegiado, tecer seus próprios comentários, isto é, deixar sua assinatura, requer senso apurado de responsabilidade, por isso dialoga de maneira indissociável com a dimensão ética da pesquisa (AMORIM, 2006, p. 101; MENDONÇA, 2014, p. 63, 68).

No que tange, enfim, à estética, dois conceitos nos ajudam a compreender o funcionamento desse aspecto: a exotopia e o acabamento. A exotopia se refere, segundo Amorim (2006), à questão do deslocamento de olhares que o autor da pesquisa deve fazer. Assumindo um posicionamento externo ao discurso do outro, isto é, deslocando seu olhar, o pesquisador expõe seus valores, suas ideias, de modo que apresenta uma compreensão acerca do sujeito, que esse mesmo sujeito não poderia ter de si próprio, materializada no texto por meio do acabamento (Amorim, 2006, p. 100). Como Mendonça (2014) ratifica:

Exotopia equivale, assim, a desdobramento de olhares, consiste no excedente de visão que, no âmbito da pesquisa, o pesquisador consegue alcançar, em função da sua posição privilegiada que lhe possibilita um “olhar de fora”, não acessível àquele que está sendo observado (MENDONÇA, 2014, p. 69).

Esta pesquisa foi realizada com base nesse tripé epistemológico, ético e estético, segundo o qual os procedimentos metodológicos se referem, antes de tudo, à postura do sujeito pesquisador ante aos sujeitos participantes da pesquisa. Assim, comentários sobre esses participantes se fazem necessários.

2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Como descrito na introdução deste trabalho, exerço a função de controlador de tráfego aéreo, tendo, na data em que este texto foi escrito, habilitação válida na função de instrutor.

Dessa forma, reconheço-me num posto de observação singular no que concerne aos olhares relativos a essa atividade profissional, no objetivo de compreendê-la nos limites aqui propostos.

Não obstante, foi por meio da compreensão do discurso presente na materialidade dos enunciados o modo como esta pesquisa foi conduzida. Em outras palavras, o contato com os sujeitos foi realizado de maneira indireta. Esses autores são militares da FAB, no grau hierárquico de sargentos, que atuam na instrução prática de controle de voo, tendo de relatar cada instrução por meio de um gênero discursivo específico. Todos eles, antes de serem sargentos, foram alunos nas aulas de língua portuguesa oferecidas na EEAR.

2.4 O CAMPO DA PESQUISA, GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

No que se refere às fichas de estágio, a pesquisa se deu nos limites de atuação do CINDACTA IV, organização militar responsável pelo controle e pela defesa dos céus do Norte do Brasil. Quanto às diretrizes da FAB para o curso de língua portuguesa, procederemos a uma pesquisa documental dos textos tomados como parâmetros para o planejamento e o andamento das aulas de produção escrita.

Ao consultar o Comando da Aeronáutica por meio da Lei de Acesso à Informação, soubemos que são dois os documentos que servem de parâmetro para a elaboração do curso: o Currículo Mínimo (CM) e o Plano de Unidades Didáticas (PUD). Buscamos compreender as posições valorativas e ideológicas, a partir da análise dessas diretivas, sempre considerando a dimensão sócio-histórica na qual se inserem e na qual são lidas pelos sujeitos. Em suma, por meio de uma análise discursiva dos enunciados concretos, do contexto sócio-histórico em que tais enunciados se inscrevem e da interação que se dá entre os sujeitos foi feita a análise e geração dos dados da pesquisa.

É oportuno lembrar como Mikhail Bakhtin conceitua os gêneros discursivos. Para esse estudioso, cada texto se encaixa em um ramo da atividade humana, assumindo formas praticamente estáveis, os gêneros (BAKHTIN, 2003 [1979]). Os relatórios produzidos pelos instrutores de controle de tráfego aéreo são, portanto, concebidos por nós como produtos culturais verbais, inseridos nos campos institucional, educacional e burocrático da atividade

humana. Ponto importante a ser considerado na análise é o que Bakhtin afirma ao dizer que: “todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa” (2003 [1979], p. 333)¹².

Nessa mesma linha de raciocínio, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), dizem que “a linguagem verbal é dialógica e só podemos analisá-la em funcionamento, no ato comunicativo, considerando todos os elementos implicados nesse ato” (BRASIL, 2000, p. 21). Tal declaração se coaduna com esta proposta de pesquisa, na medida em que todo o tratamento da questão se deu, como foi dito, relacionando prática pedagógica com necessidade real de produção de gêneros em contexto próprio.

A partir desses vieses, que deixam de lado a ênfase na forma e privilegiam, no lugar, a função do uso linguístico, faz-se necessário avaliar criticamente as práticas pedagógicas nesse nível de ensino. A finalidade é verificar se tais práticas condizem com o que indicam as pesquisas mais recentes e o que recomendam os documentos paramétricos. Na análise, há também comentários a respeito dos aspectos propriamente textuais das fichas escritas pelos ATCOs, momento a partir do qual se estabelece diálogo com a LT. No capítulo a seguir, apresentamos nossa compreensão tanto dos documentos com as diretrizes da Aeronáutica, como também das fichas de estágios.

¹² Autores como Marcuschi (2008), Charaudeau (1992), Oliveira (2004) e outros revisitam essa classificação, propondo expansões e ajustes, cuja leitura é recomendável a quem se interessar pelo tema numa perspectiva mais recente. A propósito, no próprio Círculo há problematizações e aprofundamentos sobre o tema, o que pode-se conferir em Medviédev (2012 [1928]).

3 PRÁTICA SOCIAL DE ESCRITA E DIRETRIZES DE ENSINO: RUMOS DIVERGENTES

Neste capítulo, analisamos os Currículos Mínimos de Língua Portuguesa I e II dos anos de 2016 a 2019. Também analisamos enunciados concretos de instrutores em controle de tráfego aéreo que trabalham no Centro de Controle de Área Amazônico, órgão presente no CINDACTA IV, em Manaus (AM). Nossa intenção, como elucidamos desde o princípio, é o da busca por uma compreensão sobre como o curso de formação de sargentos considera esse gênero discursivo escrito pelos sargentos, quando já formados, se é que o considera.

Nossa análise considerou que o exame desses documentos oficiais foi uma etapa que pavimentou o caminho da investigação das perguntas de pesquisa, a saber: que interlocutor é suposto na construção das fichas de estágio? Que marcas específicas caracterizam esse gênero discursivo? Que forças atuam na construção do enunciado? Em que medida a institucionalidade atravessa a questão da autoria?

Entretanto, à medida que fizemos a leitura dos documentos, novas perguntas foram surgindo; por uma escolha cujo objetivo foi o de expor de maneira menos complicada a nossa linha de raciocínio, esses questionamentos estão diluídos ao longo do capítulo.

3.1 A DEFINIÇÃO DE CAMPO GERAL

Ao analisar o Currículo Mínimo das disciplinas de língua portuguesa, é possível ter acesso ao que a institucionalidade pedagógica da FAB declara como objetivos desses cursos. Antes de citá-los, cumpre uma reiteração breve do objetivo do próprio Curso de Formação de Sargentos, cuja estrutura é formada por três campos: o campo militar, destinado às especificidades da vida castrense; o campo técnico-especializado, no qual se inserem as aulas relativas às ciências aeronáuticas e, por fim, o campo geral, aquele que contém as disciplinas Língua Portuguesa I e II, além de comunicação oral e escrita, não sendo esta última objeto de investigação desta pesquisa.

Essa retomada tem o propósito de evidenciar dois pontos: o primeiro é a constatação de que as aulas de língua portuguesa não têm sido entendidas como as de uma disciplina que se enquadre em campo de conhecimento técnico-especializado; o segundo é um questionamento, qual seja: como essa cosmovisão tem se apresentado nos documentos oficiais? Um exame do que a FAB, nos Currículos de 2016 a 2019, tem apresentado como objetivo a ser alcançado nesse campo geral pode servir de guia para uma análise reflexiva a esse respeito.

“O Campo Geral constitui-se na fase que proporcionará o nivelamento de conhecimentos básicos”. Essa é a descrição encontrada nos documentos de 2016, 2017 e 2018 (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2016, 2017, 2018a, p. 8). Como se pode perceber, a não alteração do texto revela uma permanência no tratamento oficialmente dado à abordagem estrutural e conceitual do curso durante o respectivo intervalo de tempo. Entretanto, no CM de 2019, a superfície textual é outra, o que aponta notadamente uma mudança de discurso. Senão, vejamos:

O Campo Geral reúne os conhecimentos básicos necessários à habilitação dos alunos nos seus diferentes níveis. Esta instrução é ministrada de maneira gradual e contínua, objetivando nivelar os conhecimentos de alunos de diferentes origens e formações, além de aumentar-lhes a capacidade de assimilação proveniente dos conhecimentos técnico-especializados do próprio CFS¹³ (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019a, p. 8).

Como se pode ver, na publicação de 2019 ocorrem mudanças e adendos na definição do Campo Geral. Ele deixa de ser descrito como uma fase que “proporcionará” algo, para ser uma que “reúne” conhecimentos. A substituição dos verbos deixa entrever uma mudança de abordagem, ainda que sutil: a ideia anterior a 2019 se encontra mais próxima à de “entregar”, “providenciar”, “ocasionar”, ideia essa marcada não só pelo significado de “proporcionar”, mas sim pela escolha da forma verbal no futuro do indicativo, traduzindo uma expectativa certa de que dado fato se realize.

Ocorre também a inserção do trecho “nos seus diferentes níveis”, bem como se opta por assinalar a “maneira gradual e contínua” com que a instrução é ministrada. A partir desses acréscimos, podemos depreender uma posição valorativa, segundo a qual passou a ser

¹³ Com o único intuito de facilitar a fluidez da leitura, vale lembrar que CFS é o *Curso de Formação de Sargentos*.

importante pontuar que a Escola de Especialistas de Aeronáutica trata, sim, a pedagogia como um processo, reconhecendo suas diferentes etapas e gradações.

Ao contraste entre o dito de 2019 e o não-dito nos documentos de 2016 a 2018, some-se também a escolha do uso do presente do indicativo como, respectivamente, tempo e modo verbais. O emprego do presente exclui a ideia de futuro. Apesar de essa observação parecer elementar, ela nos é útil para explicitar a informação axiológica nela contida: eleger o presente mitiga, no plano das significações, a possibilidade de interpretação segundo a qual se manifesta qualquer grau de certeza significativo de que um fato irá ocorrer, ou de que dado resultado será alcançado. Em vez de qualquer grau de promessa de entrega de resultados, como ocorreu nos Currículos pré-2019, passa-se a preferir uma axiologia da descrição, que manifestamente aparenta maior neutralidade.

Não se pode deixar de notar também o relevo dado às “diferentes origens e formações” dos alunos. Essa adição nos pareceu especialmente curiosa, visto que forças armadas são mais conhecidas por exaltar uniformes e padronizações do que por mencionar diferenças de origens e diversidade. Em busca do entendimento dessa refração, ao consultar os editais de concursos anteriores (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2015, 2016b, 2017b, 2018b), vimos uma mudança significativa: apenas a partir do edital para as turmas com ingresso em 2019, passou a constar item que tratava da reserva de vagas para candidatos negros (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2018b, p. 11), conforme a Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014 (BRASIL, 2014). Diante disso, é razoável a hipótese de que o texto reflita uma relação entre esses fatos, quais sejam, o da recepção de alunos ingressando por meio de ações afirmativas e o da revisão dos objetivos e da estrutura do Curso de Formação de Sargentos para esse público. Dito de outra forma, o texto reflete um procedimento arquitetônico da redação de um documento, recurso esse que ajuda a construir uma subjetividade institucional que se preocupa em mostrar-se atenta, em algum grau, às mudanças sócio-históricas a que está sujeita.

Por último, coloca-se como objetivo da instrução o aumento da “capacidade de assimilação proveniente dos conhecimentos técnico-especializados do próprio CFS”. Esse adendo sinaliza um entendimento de que uma relação entre conhecimentos existe, de modo que as aulas de língua portuguesa a serem ministradas contribuiriam para a assimilação de conhecimentos técnicos.

3.2 OS OBJETIVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA I

Após verificar a mudança de atitude valorativa, evidenciada na superfície do texto dos documentos analisados, especificamente nos objetivos do que se denominou Campo Geral, importa apurar de que maneira isso ocorre — e, antes disso, se de fato ocorre — variação axiológica também nos objetivos das disciplinas de língua portuguesa.

Como mencionamos, o CFS é dividido em quatro séries semestrais, sendo o curso de língua portuguesa dividido em três disciplinas, duas delas específicas de redação, a saber Língua Portuguesa I, com carga horária total de 75 h, ministrada na primeira série; e Língua Portuguesa II, com carga horária total de 60 h, lecionada na segunda série (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2016a, 2017a, 2018a, 2019a, p. 12). Quanto aos objetivos da disciplina Língua Portuguesa I ao longo do período de 2016 a 2019, novamente é possível isolar o ano de 2019 num grupo e os anos anteriores em outro. Tomemos o exemplo do CM de 2016:

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) distinguir no texto as variações linguísticas (Cp)¹⁴;
- b) elaborar textos descritivos e narrativos (Ap);
- c) identificar qualidades de estilo (Cn); e
- d) valorizar a linguagem como instrumento de comunicação oral e escrita (Va). (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2016a p. 14, grifos do autor).

Podemos perceber que os objetivos acima expostos refletem, na letra “a”, preocupação com o tratamento do tema variação linguística; resta saber se essa preocupação se refere a uma valorização do tema ou se o objetivo do reconhecimento é eliminar, das redações a serem produzidas, as variações. Retomando a tese de que forças armadas são menos famosas por sua promoção da diversidade do que por seu incentivo à uniformização, a segunda hipótese nos

¹⁴ Compreensão (Cp), aplicação (Ap), conhecimento (Cn), valorização (Va). As duplas de letras entre parênteses se referem aos objetivos pedagógicos de acordo com o que se conhece entre educadores como taxonomia de Bloom. Em síntese, trata-se de uma hierarquia de níveis que vão desde o mais básico, o conhecer, até o aplicar e valorizar, passando por compreender e envolvendo também outros níveis. Essa nomenclatura é amplamente utilizada em documentos oficiais da FAB, especialmente naqueles com viés educacional.

parece mais coerente. Alternativamente, é admissível a hipótese de que o motivo de se esclarecer que se pretende realizar algum trabalho com variações linguísticas seja o de escapar a acusações de uma discursividade na qual não se valorizaria a diversidade cultural, tão presente no Brasil, como é objeto de crítica o ensino brasileiro de um modo geral, como explana Rojo (2013):

Na abordagem de leitura e produção de textos escritos, são priorizados o trabalho temático e estrutural ou formal, ficando as abordagens discursivas ou a réplica ativa em segundo plano. A prioridade para a norma e a forma também é vista nos trabalhos de reflexão sobre a língua, pautados na gramática normativa e baseados nas formas cultas da língua padrão, nunca explorando diferentes variedades sociais ou geográficas da língua efetivamente em uso.

Todas essas constatações fazem ver que as propostas escolares para os letramentos ignoram e ocultam as formas sociais orais em favor, decididamente, das formas escriturais. Essa abordagem é apresentada a uma população escolar enraizada em formas sociais orais de interação, ainda que tramadas às formas letradas — sobretudo, em centros urbanos —, como, por exemplo, a larga preferência pelo jornalismo televisivo, ao invés do impresso; pela novela folhetinesca de TV, ao invés da leitura do romance; pela canção, ao invés da poesia; pela instrução oral (nos serviços telefônicos de atendimento ao consumidor), ao invés da leitura de manuais de instrução. (ROJO, 2013, p. 16).

Quanto ao exposto em “b”, aparece a própria escrita como sendo objetivo do curso; o verbo escolhido, “elaborar”, é substituído por “produzir” nas versões de 2017 e 2018. É possível que, na palavra substituída, a ideia de criação esteja mais evidente do que em “elaborar”, que traz consigo a significação de colocar conhecimentos em ordem. Essa, inclusive, é a única mudança na lista de objetivos de Língua Portuguesa I dos anos de 2017 e 2018 em relação ao trecho citado no CM de 2016.

Eis os objetivos que, no entanto, se apresentam em 2019:

- a) conhecer o conceito de texto (Cn);
- b) compreender as estruturas dos textos descritivos e narrativos (An¹⁵);
- c) identificar qualidades de estilo dos textos descritivos e narrativos (An);
- d) estabelecer relação entre ideias principal e secundárias em temas descritivos e narrativos (An).

¹⁵ “An” é uma redução para a palavra “análise”, ainda em consonância com a chamada taxonomia de Bloom.

- e) estimular a percepção sensorial e a imaginação criadora, a fim de se retratar as características que singularizam o objeto a ser observado: pessoa e lugar — descrição (Va);
- f) identificar aspectos necessários à composição de um texto base num fato centrado no tempo e espaço, valorizando do mesmo modo, a imaginação criadora — narração (Va);
- g) redigir textos descritivos e narrativos com clareza e correção gramatical de acordo as técnicas trabalhadas em sala de aula (Ap);
- h) aperfeiçoar o estilo a partir de análise de textos que apresentam problemas sintático-semânticos (Ap); e
- i) valorizar o texto (oral e escrito) como instrumento que cumpre função social (Va) (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019a, p. 14).

É nítida a mudança de proposta pedagógica que ocorre no ano de 2019, se considerarmos a superfície textual apresentada. O número de objetivos passa a nove, em vez de quatro, e já no primeiro deles se revela o caminho que essa mudança pretende estabelecer: em vez de haver uma pressuposição de que o aluno já saiba o que seja um texto, de modo que o curso somente lhe exija que aplique conhecimentos estilísticos e formais sobre tal texto, os objetivos de 2019 partem do princípio de que o conceito de texto deve ser ensinado no curso da Escola de Especialistas de Aeronáutica denominado Língua Portuguesa I. Tal visão concilia-se com o próprio discurso explicitado no que se define como Campo Geral de ensino, segundo o qual os alunos provêm de “diferentes origens e formações” (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019a, p. 8). Por virem dessas formações diversas, é razoável que se compartilhe um conceito de texto a partir do qual se podem estabelecer objetivos relacionados ao trabalho com esse texto.

Como o objetivo em questão está listado em primeiro lugar, é plausível a leitura de que ele seja também o primeiro que se pretende ser alcançado. Somente após esse estabelecimento do conceito de texto, portanto, é que serão realizadas as análises tipológicas, estilísticas e lógicas, indicadas em *b*, *c* e *d*. Novamente, há uma nítida compatibilidade entre o discurso contido nos objetivos do curso de língua e a definição que se encontra para o Campo Geral, especificamente no que se refere à “maneira gradual” (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019, p. 8) com que a instrução é ministrada.

Outro ponto a ser observado é que logo em seguida, nos itens *e* e *f*, há objetivos marcados como de valorização, sendo estes dirigidos necessariamente ao domínio afetivo dos alunos. Ao lado dos domínios cognitivo e psicomotor, o domínio afetivo constitui a tríade de objetivos educacionais, conforme a taxonomia proposta, ainda na década de 1970, por Bloom, Krathwohl e Masia (1972). Os objetivos relacionados ao domínio afetivo são aqueles que:

“enfazizam uma tonalidade de sentimento, uma emoção ou um grau de aceitação ou de rejeição. Os objetivos afetivos variam desde a atenção simples até fenômenos selecionados, até qualidades de caráter e de consciência complexas, mas internamente consistentes. Descobrimos grande número de tais objetivos na literatura, expressos como interesses, atitudes, apreciações, valores e disposições ou tendências emocionais.” (BLOOM; KRATHWOHL; MASIA, 1972, p. 5)

Os objetivos de domínio cognitivo, por sua vez, são os que “enfazizam a recordação ou a reprodução de alguma coisa que presumivelmente foi aprendida, tanto quanto os que envolvam a resolução de alguma tarefa intelectual (...)”, já “os objetivos psicomotores “enfazizam alguma habilidade muscular ou motora, alguma manipulação de material e objetos ou algum ato que requer coordenação neuromuscular” (BLOOM; KRATHWOHL; MASIA, 1972, p. 4-5). Vale pontuar como uma instituição com a missão de formar técnicos que lidem com tecnologias no estado da arte baseia suas diretrizes em objetivos traçados há mais de 50 anos. Nessa lógica, é interessante notar como a transformação da sociedade e das próprias tecnologias não foi suficiente para que houvesse uma revisão nesse sentido.

De volta ao Currículo de 2016, enquanto nos três anos anteriores só havia um objetivo relacionado a esse domínio, a saber, “valorizar a linguagem como instrumento de comunicação oral e escrita (Va)” (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2016a, p. 14; 2017a, p. 15 e 2018a, p. 13), a lista de 2019 permite perceber a opção feita por inserir mais itens relativos à afetividade; além disso, não é por acaso que esses objetivos de valorização figurem imediatamente antes dos objetivos de aplicação dos conhecimentos, quais sejam:

- g) redigir textos descritivos e narrativos com clareza e correção gramatical de acordo as técnicas trabalhadas em sala de aula (Ap);
- h) aperfeiçoar o estilo a partir de análise de textos que apresentam problemas sintático-semânticos (Ap); (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019a, p. 14).

A ideia discursiva que compreendemos estar contida na ordem em que se escolheu dispor os objetivos é esta: há uma posição axiológica que se toma, na qual é importante deixar explícito, de maneira muito mais nítida que nos anos passados, que os processos anteriores à produção do texto devem ser levados em consideração; mais ainda, que os processos anteriores à escrita existem e que a Escola de Especialistas reconhece essa existência e a legítima, dispondo-se a incluir tais processos em seu programa de ensino.

Quanto ao objetivo g, o que nos chama atenção em relação aos objetivos de aplicação do período 2016-2018 é a inclusão do trecho “correção gramatical”. Por que dessa vez optou-se por explicitar essa característica dos textos esperados? Tal escolha remete ao nosso questionamento acerca de um dos objetivos do triênio 2016-2018, a saber, “distinguir no texto as variações linguísticas (Cp)” (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2016a, p. 14). Questionamo-nos se a necessidade da distinção seria em busca de uma atitude de valorizar a diversidade ou se seria meramente uma busca por excluir dos textos qualquer marca de variação. Face ao abandono do estudo da variação linguística como um dos objetivos e, levando-se em conta a escolha por dizer que a correção gramatical é um objetivo do curso, o questionamento feito parece cada vez mais plausível. A esse respeito, Alves Filho (2006) explica como a variedade padrão da língua é usada sistematicamente no intuito de constituir uma autoria institucional, bem como um *status* de verdade aos discursos produzidos no contexto que aquele autor investigou, o jornalístico. É possível que o mesmo procedimento e resultado sejam o objetivo do que se lê no Currículo Mínimo:

Uso da variedade padrão de linguagem – há sistematicamente a ausência de “sotaques sintáticos, lexicológicos e fonéticos”, que possam apontar para sujeitos empíricos ou para segmentos socioculturais. Ao contrário, faz-se uso de recursos gramaticais e lexicais provenientes da modalidade padrão da língua, de modo a produzir um efeito de sentido de imparcialidade e de “seriedade” na abordagem da temática. Faz-se uso do prestígio da variedade culta da língua de modo que esse prestígio “contamine” os textos e contribua para dar a entender um tom de verdade. Abaixo seguem seis trechos de editoriais de seis jornais brasileiros diferentes produzidos em diferentes cidades (Teresina, São Luís, Brasília, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro). Parece pouco provável identificar, nas marcas linguísticas, traços culturais, psicológicos ou sociais que possam remeter para algum traço identitário dos redatores que os produziram ou dos segmentos socioculturais aos quais eles pertencem, embora não seja impossível identificar o estilo dos jornais (ALVES FILHO, 2006, p. 86).

Enfim, o último item da lista de objetivos é, como nos anos anteriores, direcionado ao domínio afetivo. Entretanto, há uma diferença sensível no que se propõe a ser valorizado: enquanto nos anos 2016 a 2018 objetiva-se a valorização do texto como elemento de “comunicação”, em 2019 pretende-se que ele seja valorizado como “elemento que cumpre função social”. Há, dessa forma, uma mudança de rumo caracterizada pelo abandono de uma teoria da comunicação, segundo a qual existe uma mensagem que é transmitida de uma pessoa e recebida por outra, que a decodifica, desde que compartilhem um mesmo código e que não haja problemas com o canal pelo qual a mensagem tramita¹⁶; essa ideia dá lugar à que entende o texto de uma perspectiva discursiva, isto é, um texto que se relaciona a um tempo-espaço e que medeia as práticas sociais. Em suma, o dito em 2019 se aproxima das teorias do discurso e, de alguma forma, às teorias que subjazem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Este é o panorama de que trata o Currículo Mínimo (versões de 2016 a 2019) quando se refere à primeira disciplina de língua portuguesa, que é centrada na prática de escrita de textos narrativos. Em seguida, passamos a abordar e discutir o que se diz no mesmo documento com relação à segunda disciplina..

3.2.1 Os objetivos de Língua Portuguesa II

Se, por um lado, os objetivos de língua portuguesa I estão voltados ao texto narrativo, a segunda série, por outro, tem seu foco na dissertação. Para entender melhor a posição valorativa institucional sobre o que se espera dessa disciplina, é mister expor o que diz a documentação paramétrica; novamente, analisamos o Currículo Mínimo dos anos de 2016 a 2019, escolha metodológica pautada principalmente na contemporaneidade e na acessibilidade desses documentos.

De maneira semelhante à análise do material documentado acerca do primeiro semestre de redação, o que se diz no ano de 2019 pode ser separado do período de 2016 a 2018, considerando as mudanças significativas que ocorreram no que se coloca como objetivos específicos da cadeira. Vejamos a cronologia do que tais documentos declaram, a começar por 2016:

¹⁶ Trata-se de uma enorme simplificação das teorias das quais a mais célebre é a de Roman Jakobson. Aos que desejam mais pormenores, poderão encontrá-los em JAKOBSON, 2010.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) identificar a estrutura do texto dissertativo (Cn);
- b) interpretar um tema dissertativo, distinguindo a ideia principal das secundárias (Cp);
- c) identificar as qualidades de estilo em um texto (Ap); e
- d) empregar o raciocínio lógico, a criticidade, a criatividade e a capacidade de argumentação (Av¹⁷). (COMANDO DA AERONÁUTICA 2016a, p. 15, grifos do autor).

Assim como no caso da primeira disciplina de língua portuguesa, aparecem quatro objetivos específicos; vale notar que em nenhum deles há uma menção explícita ao ato da produção de textos em si. Embora a menção exista na ementa do curso, não houve a escolha em colocá-la na lista de objetivos, diferente do que ocorre na primeira disciplina, que trata dos tipos descritivo e narrativo.

Outro ponto que não deixamos de notar é a ausência de um objetivo que evidencie, ou até mesmo indique, a relação entre a prática do curso e a vivência dos futuros sargentos em seu dia a dia. Não se demonstra, na superfície textual do Currículos Mínimos de 2016-2018, qualquer valoração referente a uma expectativa de haver no curso um elo entre o ensino-aprendizagem de um gênero e o seu uso fora da situação escolar.

É importante que não percamos de vista aquilo que Oliveira e Cabral (2017), ao tratar das políticas do ensino-aprendizagem de redação no ensino médio, evocam em Geraldi (2006, p. 14): “é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma ação política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com mecanismos utilizados em sala de aula”. No contexto a que as autoras citadas se referem, a ação política é a existência dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que se concatena às habilidades avaliadas no Exame Nacional do Ensino Médio, cenário de que trata a pesquisa mencionada. Já no caso do presente estudo, resta saber que correlações se esperam entre as referências paramétricas e a vivência e o elemento da vida fora da sala de aula. Nesse ponto, a ementa do curso nos permite refletir sobre algumas questões:

¹⁷ A única diferença entre os objetivos listados no CM de 2016 para os de 2017 e 2018 é que, nos dois últimos, o item *d* aparece como *Ap* (aplicação) em vez de *Av* (avaliação).

EMENTA

1) Dissertação: opinião e argumento; teoria da dissertação; **esquema básico** e causa / consequência; itens de estilo; interpretação de temas; produção textual orientada: dissertação; impropriedade; comentário das provas; aperfeiçoamento de estilo a partir dos textos de prova. 2) Dissertação: **esquemas de dissertação**; coesão; produção textual orientada: dissertação; comentário das provas do simulado; aperfeiçoamento de estilo a partir dos textos produzidos; comentários das provas. (COMANDO DA AERONÁUTICA 2016a, p. 15, grifos nossos).

Antes de tudo, cumpre dizer que, a despeito de este momento da análise ser do período 2016-2018, esse texto da ementa não se faz presente nos CMs de 2017 e 2018, cuja seção foi substituída por: “a) Dissertação I; b) Dissertação II”, sobre a qual há comentário ao longo desta dissertação.

De volta à ementa de 2016, podemos perceber que a disciplina é dividida em duas unidades, a partir das quais existe uma expectativa de que, progressivamente, os alunos escrevam dissertações segundo esquemas: de um “esquema básico” para o que subentendemos, pelo texto da ementa, como esquemas que seriam mais complexos. Do ponto de vista discursivo, a escolha por um percurso pedagógico que siga essa direção não se dá por acaso nem ocorre no vazio; concordamos com Geraldi (2006) no que concerne a se tratar, na verdade, de uma cosmovisão que é refletida no fazer em sala de aula. Nessa lógica, identificamos, por meio da nossa compreensão responsiva ao contato com a superfície textual da ementa, uma posição axiológica: a de valorizar a escrita do texto dissertativo baseada em moldes, tal como o fazem vários materiais de cursos preparatórios para provas de certames públicos. Tal visão de mundo compreende uma perspectiva segundo a qual a prática de escrita se desenvolva a partir da técnica aplicada a moldes ou, neste caso, “esquemas”. Dado o contexto, importa afirmar que esta pesquisa não nega a importância da técnica na feitura de redações para concurso; pelo contrário, acreditamos que ela é, sim, um dos elementos que compõem a escrita do texto dissertativo escolar. O que nos chama atenção, na verdade, é pensar sobre qual é o discurso que fundamenta um ensino-aprendizagem desse tipo na Escola de Especialistas de Aeronáutica. Como não se trata de uma escola de ensino médio nem de um curso preparatório para concursos, não parece fazer sentido haver uma motivação baseada na responsabilidade em preparar os alunos para provas como o ENEM ou redações de exames

para cargos públicos.

Qual seria então o fator justificável na preferência por um ensino-aprendizagem do texto dissertativo? E por que baseado em esquemas? Uma explicação plausível pode ter a ver com o próprio ambiente da EEAR. Como sabemos, as redações de vestibular e de concurso fazem parte de uma conjuntura na qual seus escritores estão competindo por nota, seja pela busca por um ingresso na universidade, seja por uma vaga de emprego. De maneira semelhante, os alunos da EEAR, durante o curso, experimentam também uma espécie de sentimento de competição, visto que a média de absolutamente todas as notas ao longo do curso determina a ordem de escolha de vagas após a formatura, o que é bastante significativo num cenário de vagas distribuídas por todo o Brasil. Dito de outro modo, uma nota mais alta ou mais baixa durante o curso pode significar escolher para onde se vai após formado, ou ter as opções drasticamente reduzidas sobre onde morar durante os anos subsequentes.

Outra explicação possível reside no prestígio do gênero e do método. Por se tratar de um gênero¹⁸ bastante familiar à sala de aula — já que está presente em vestibulares e concursos e já que os alunos da EEAR necessariamente estão numa faixa etária e num contexto de estudos em que vestibular e concurso são tópicos conhecidos — e, principalmente, por existir uma vasta produção de material em que esquemas de redação são apresentados como solução para aprender a escrever, tudo isso contribui para que se crie uma sensação de pertencimento da redação dissertativa ao universo escolar. Nessa lógica, a escolha de um gênero escolar numa disciplina que se propõe ao nivelamento de alunos é uma escolha harmônica ao estado de coisas mencionado, no sentido de que é coerente a ele.

Ainda assim, não nos escapa a seguinte questão: por que preferir esse caminho ao de correlacionar a prática discursiva aos gêneros que a própria Força Aérea Brasileira demanda de seus sargentos. Bernardo (2010), em ensaio a respeito do tema da redação, sintetiza uma crítica a que aderimos:

Se aprendemos a falar e a calar na vida, muitos aprendemos a escrever em uma redução da vida, chamada “sala de aula”. Uma redução tão reduzida, que às vezes transmite comportamentos culturais de séculos atrás. Séculos atrás, os artistas pintavam para *um* mecenas, os padres redigiam seus estudos teológicos para *um* papa. Hoje, os escritores procuram público, procuram

¹⁸ Não é consenso entre estudiosos do discurso que a redação de vestibular seja um gênero propriamente dito, considerando os pressupostos teóricos bakhtinianos, e nós não estamos afirmando que o seja. Contudo, como essa discussão não é central na nossa investigação, o pragmatismo e a prioridade pela clareza nos levaram a nos referirmos à redação escolar como gênero, mas sem desconsiderar a existência de tais discussões.

chegar suas ideias e suas imagens a muitas pessoas, quanto mais melhor. Na escola, entretanto, os séculos de lá atrás continuam presentes; escrevemos para um leitor só, o professor, que por sua vez não nos responde, não nos escreve de volta, mas nos enquadra (assim como o mecenas pagava ou não pagava ao “seu” artista). A tendência lógica é que se escreva apenas o que nos porá no quadro e na nota menos desagradável (um quadro de estilo e ideias reflexos mecânicos das manias e limites do mestre e, principalmente, da estrutura imobilista do prédio). Quando o ato de escrever perde o seu caráter primário e fundamental, o de autoafirmação, para adquirir o sentido inverso: autonegação. (BERNARDO, 2010, p. 18).

É, portanto, um gênero da escola, para a escola, que essa visão discursiva de escrita produz. Em termos mais afetos à teoria bakhtiniana, podemos afirmar que a posição axiológica que os objetivos do Currículo Mínimo do anos de 2016 a 2018 denotam é de valorização do modelo de esquemas como base da escrita. Isso, por conseguinte, reflete e refrata uma igual valorização da própria prática pedagógica baseada em esquemas, moldando essa prática num tipo de ensino-aprendizagem cuja motivação para o aluno é redigir para um interlocutor específico, de quem se origina e a quem também se dirige o interesse pela nota.

Na contramão dessa lógica pedagógica, ao refletir sobre como construir uma legitimidade da leitura em sala de aula que não seja baseada na autoridade, Geraldi (2013), diz algo que pode ser transposto para o ensino-aprendizagem de escrita:

estou defendendo, isto sim, que não participamos gratuitamente e emotivamente de relações interlocutivas, e que são os tipos de relações interlocutivas em que nos engajamos que melhor podem inspirar a ação pedagógica a se empreender. (GERALDI, 2013 [1991], p.171).

É patente que o pensamento sobre um modo de aula de leitura e escrita que guarde grau adequado de compatibilidade com as motivações e os usos reais dessas práticas já circulava no Brasil décadas antes da publicação do CM de 2016 — podemos reparar que a primeira edição do texto citado é da década de 90 —, de modo que se mostra bastante lenta a incorporação desses estudos no contexto escolar do Curso de Formação de Sargentos, como podemos ver a seguir.

3.2.2 O Currículo Mínimo de Língua Portuguesa II, 2019

Os documentos publicados em 2019 indicam, de fato, um movimento de reformulação das diretrizes educacionais das disciplinas de língua portuguesa do CFS. O próprio número de itens listados como objetivos específicos dobrou em relação ao período anterior, passando para oito, em vez dos quatro de 2016 a 2018, como podemos ver:

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) compreender o texto dissertativo na sua totalidade: conteúdo e estrutura (An);
- b) identificar qualidades de estilo no texto dissertativo (An);
- c) estabelecer relações entre a ideia principal e as secundárias de um tema dissertativo (An);
- d) estabelecer relações lógico-gramaticais que **garantam** o sentido do texto (Cn);
- e) estimular o raciocínio lógico, a criticidade, a criatividade e a capacidade de argumentação (Va)
- f) redigir textos dissertativos com clareza e correção gramatical de acordo com as técnicas trabalhadas em sala de aula (Ap).
- g) aperfeiçoar o estilo a partir de análise de textos que apresentam problemas sintático-semânticos (Ap); e
- h) valorizar o texto oral (oral e escrito) como instrumento que cumpre função social (Va). (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019a, p. 15, *sic*).

Diferente dos documentos anteriores, há objetivos mais nitidamente relacionados à prática de produção escrita, como podemos ver especialmente em *f*. Enquanto, nos objetivos de 2016-2018, temos os verbos *identificar*, *interpretar* e *empregar*, o Currículo Mínimo de 2019 registra o verbo *redigir*. Esse que pode parecer mero pormenor, na verdade, marca discursivamente o processo que se espera que aconteça durante a feitura da disciplina, processo esse gradual; podemos depreender isso a partir da gradação formada pelos verbos empregados de *a* a *f*, objetiva-se *compreender*, *identificar*, *estabelecer relações*, *estimular o raciocínio* para, só então, “*redigir textos dissertativos com clareza e correção gramatical (...)*”.

A despeito dessa estrutura mais coerente e organizada, o que vemos nesta pesquisa como um problema ainda permanece mesmo após a reformulação dos documentos. Novamente, não há objetivo que evidencie qualquer relação entre a prática do curso e a atividade a ser desempenhada pelos futuros sargentos. As próprias diretrizes oficiais não reforçam a necessidade dessa correlação, de modo que, salvo casos de livre iniciativa de quem venha ministrar a disciplina em questão, não se conta com uma prática docente orientada nesse sentido. Essa ausência é um ponto que, ao nosso ver, tem sua parcela de impacto nos problemas textuais e discursivos das redações que, anos depois de fazer essas disciplinas, os sargentos controladores de tráfego aéreo ainda apresentam; a análise mais detida a esse respeito está no capítulo seguinte.

Com isso, vale recordar que o intuito desta exposição é investigar quais são as diretrizes de ensino do curso de língua portuguesa da EEAR, de modo que se esclareça também que visão conceitual de língua norteia as práticas pedagógicas. Esse é o chão sobre o qual se apoia o fazer discursivo institucional investigado, ou é o chão sobre o qual se pretende apoiar esse fazer. De todo modo, com o conhecimento desse contexto é possível analisar a produção discursiva daqueles que foram alunos do curso em questão.

3.3 OS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Nesta subseção, analisamos as fichas de estágio redigidas pelos sargentos instrutores de controle de tráfego aéreo lotados no CINDACTA IV. Nosso intuito é delinear brevemente o gênero discursivo que esses textos caracterizam, bem como compreender de que modo a discursividade do instrutor e do estagiário em controle de tráfego aéreo aparecem diluídas na materialidade dos escritos. Vale resgatar também dois dos objetivos específicos desta pesquisa, quais sejam: analisar como e em que medida o conjunto de práticas pedagógicas do curso oferecido atende às necessidades reais de uso, pelos militares instrutores de controle de tráfego aéreo do Centro de Controle de Área Amazônico, em contexto institucional; e compreender que procedimentos discursivos orientam esses controladores ao redigir fichas de estágio.

Também não se pode deixar de dizer que miramos o próprio objetivo geral desta pesquisa — o de estabelecer relações entre o projeto pedagógico do curso e o material

discursivo que se produz após a formação. Como aparecem alguns comentários de cunho linguístico-textual, especificamente acerca da correção gramatical, relembremos a visão de língua de que partimos, não aquela que se limita ao sistema, mas sim a que funciona na dinâmica social como forma de interação. O motivo para comentários de tal natureza se referem a ser objetivo do próprio curso da EEAR a produção de textos com correção gramatical, como vimos; para que nosso propósito seja atingido, é necessário, portanto, que haja esse ponto de análise, sem que se perca de vista nossa visão de texto como ato discursivo, menos ainda que se perca de vista a hipótese que defendemos, a saber: que a Escola de Especialistas oferece curso com a finalidade de preparar para um ato enunciativo sem considerar realmente gêneros que a instituição produz.

Com isso em vista, recolhemos 21 fichas de avaliação, escritas entre 2017 e 2021. O número de redações selecionadas levou em consideração não só os limites apropriados de uma pesquisa de mestrado, mas também a acessibilidade restrita dos textos. O intervalo de tempo foi definido por dois critérios: a disponibilidade dos documentos para acesso universal, bem como a recenticidade desses mesmos arquivos, permitindo-nos compreender as refrações do ensino-aprendizagem de produção escrita em contexto atual. Isso sem deixar de levar em conta que, como as fichas foram escritas em, no máximo, 2021, é seguro dizer que nenhum dos instrutores cursou as disciplinas de língua portuguesa ministradas na EEAR após 2019, tendo estado, portanto, sujeitos às ideias dos documentos estudados no início deste capítulo.

Optamos também por manter os textos originais quanto à sua forma e ao seu teor, mantendo inadequações de qualquer tipo, sejam elas de ordem ortográfica, gramatical, seja erro de digitação que tenha passado despercebido por quem redigiu a respectiva ficha. De todo modo, antes de apresentar essa parte propriamente dita do *corpus*, importa tecer brevíssimos comentários e retomar algumas considerações de caráter introdutório, contextual e elucidativo.

3.3.1 Das necessidades reais de uso

Estilo, conteúdo temático e construção composicional, eis a tríade que, indissociável do contexto sócio-histórico e do campo de atuação humana em que se inserem, constitui as condições para que surjam “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais

denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262).

No cenário específico desta investigação, o material escrito decorre de uma exigência institucional por parte da Força Aérea Brasileira, que demanda dos controladores o registro de cada instrução prática ministrada, o que não raramente ocorre mais de uma vez por turno de serviço. Em síntese, trata-se de enunciados exclusivamente usados em um contexto próprio, permeado por valores desse mesmo contexto, com possibilidades de expressão delimitadas, o que, traduzido em termos teóricos, se entende como um tipo relativamente estável de enunciado, com uma arquitetônica própria, e ligado a um campo de atuação humana que já contém outros enunciados e discursos preexistentes. Some-se a isso a consideração dos sujeitos enunciadorees do material, temos, dessa forma, enunciados concretos. Nas palavras de Mendonça (2014, p. 32):

A consideração do locutor e do interlocutor como agentes do processo da interação verbal faz da perspectiva arquitetônica bakhtiniana uma concepção ativa, que procura considerar a natureza dos atos humanos no processo de produção de sentidos, isto é, que abarca a inteireza desse processo, atendo-se a sua totalidade e não restringindo a linguagem à análise da materialidade textual ou à interpretação do contexto em que se realiza, mas englobando todos esses aspectos a outros para dar conta do fenômeno complexo que representa (MENDONÇA, 2014, p. 32).

Essa concepção totalizante é a maneira pela qual, na perspectiva do Círculo, se propõe que os enunciados concretos sejam vistos e analisados. Como adotamos tal perspectiva, concordamos em que é por meio dessa materialidade linguística que posições axiológicas, valorativas, emergem e transparecem.

3.3.2 Estranhando o familiar

Outro tópico que merece ser sinteticamente retomado é como os passos da pesquisa foram dados. A metodologia a partir da qual esta investigação se apoia é a ADD¹⁹, segundo a qual a responsabilidade do cientista, com a adoção de uma postura ética, viabiliza a qualidade da pesquisa.

¹⁹ Análise Dialógica do Discurso.

Nessa linha de raciocínio, é oportuno reiterar que eu, o orientando desta pesquisa, também exerci a função de instrutor de tráfego aéreo²⁰, redigindo o mesmo gênero discursivo, inserido no mesmo contexto institucional, com todas as implicações históricas e discursivas nele inclusas. Igualmente oportuno é fazer como Cavalcanti (2000, p. 64) que, citando Erickson (1986), disse que “precisamos aprender a estranhar o familiar, assim como devemos também familiarizar-nos com o estranho”. Ao lado da postura ética, esse é o componente adicional que esteve presente na arena da qual a mesma Cavalcanti (2000) fala a respeito, arena na qual discursos conflitantes — sujeitos autores da dissertação fruto da pesquisa *versus* sujeitos autores dos textos analisados — digladiam.

Estranhar o familiar é um convite a um olhar atento direcionado ao que nos cerca cotidianamente. Esse é um conceito reverberado na antropologia e na etnografia da comunicação e que diz respeito ao fazer científico que envolve entender o que está acontecendo em uma observação da qual se participa. Logo, o que está em jogo é proceder a um conhecimento sobre aquilo que está inserido no dia a dia, o que implica a pressuposição de que aquilo que está continuamente presente na experiência não é, necessariamente, algo conhecido, ao menos não do ponto de vista científico.

Adicionalmente, apurar esse olhar resulta também em deparar-se com fenômenos ou acontecimentos antes não percebidos. Buscar compreendê-los integra o ato de familiarizar-se com o estranho.

Como sabemos, no discurso há um processo dinâmico em que ocorrem a produção e a compreensão, sempre ativa, de enunciados, com sujeitos inseridos numa situação e numa visão de mundo. Encaramos a superfície textual segundo essa perspectiva do discurso e, portanto, não limitando a análise aos aspectos gramaticais ou linguístico-textuais; levamos em conta, na verdade, as circunstâncias em que tais enunciados são produzidos: a cultura institucional, o momento histórico, as subjetividades envolvidas, os interactantes supostos no momento da escrita, o modo como se organizam os respectivos gêneros discursivos, bem como a própria escrita como ato de resposta a enunciados anteriores.

Além disso, consideramos que a frase só faz sentido no texto, e este, por sua vez, só faz sentido no discurso. Diante disso, um mesmo texto pode construir diferentes sentidos, dependendo do contexto discursivo em que ele esteja inserido. Dessa maneira, o discurso envolve a utilização da língua pelo sujeito a seu modo, mas apenas segundo suas

²⁰ Entre dezembro de 2016 e dezembro de 2021.

possibilidades. É a seleção que o indivíduo faz dos signos da língua, para a expressão do seu pensamento, mas dentro dos limites impostos pelo gênero; é a relação entre elemento dado e elemento criado, da qual trataremos mais especificamente na subseção “Interação e resposta”.

3.3.3 Ficha de papel *versus* ficha eletrônica

Um comentário a respeito do formato das fichas de estágio é que, a partir de 2019, elas deixaram de ser escritas à mão e passaram a ser digitadas eletronicamente em um *site* específico para essa finalidade. Embora o suporte para o texto tenha sido mudado, não percebemos uma alteração significativa no gênero discursivo. Isso porque, a despeito do ambiente digital, não houve uma mudança na direção de uma multimodalidade, isto é, não houve inserção de hipertextos, arquivos de áudio, vídeo etc. Com efeito, a modernização ocorrida consistiu meramente numa mudança de suporte²¹.

Ainda quanto ao gênero, uma ressalva se faz necessária a respeito de suas características e seu uso nesta pesquisa: trata-se de um gênero avaliativo composto por itens com conceitos a serem assinalados (os conceitos são estes: ótimo, bom, regular, não satisfatório e não avaliado), com uma pequena produção escrita a ser feita ao final desses conceitos assinalados. Essa pequena produção feita na parte final do gênero é o que compõe o *corpus* de análise desta pesquisa.

Imagem 1 - Captura de imagem de parte da página da ficha eletrônica

49 RACIOCÍNIO

50 CONTROLE EMOCIONAL

51 TRABALHO EM EQUIPE

Informações Complementares

Data

Hora de Início

Carga horária

Posição CONTROLADOR

Setores

Complexidade

Restrições Técnicas

Condições Operacionais

Comentários

Enviar Avaliação

²¹ Exemplo de trabalho prático em sala de aula com gênero multimodal, isto é, com a transposição de gênero para o ambiente digital, mas com adição de outras mídias que não o texto escrito, pode ser visto em Azzari e Lopes (2013).

Feita essa elucidação, passamos a tratar de questões relacionadas aos aspectos dialógicos e responsivos a partir dos quais nossa análise concebe o conjunto dos enunciados concretos.

3.3.4 Interação e resposta

Ao lidar analiticamente com o *corpus* da pesquisa, temos em mente que o material discursivo que se apresenta é, em síntese, interação e resposta. Interação na medida em que constitui-se numa prática de linguagem, em esfera de atuação humana definida e com uma arquitetura específica, sendo essa prática de linguagem enunciada por sujeitos atravessados por uma temporalidade e por condições de produção. Dessas condições materializa-se o elemento *resposta* a que fizemos menção: nos ditos aos destinatários supostos a quem, mesmo que de forma indireta linguisticamente, será dirigida a palavra. Como pode ser visto nas fichas a seguir, há certas informações comuns a que os instrutores se referem em seus discursos, mesmo que tais informações não sejam expressamente exigidas por nenhum documento normativo, o que indica não só o cumprimento de uma expectativa que o autor supõe haver em seus destinatários, mas também uma retomada de enunciados anteriores, nos quais a informação inserida também aparece; é o caso do trecho que afirma que o estagiário foi receptivo à instrução, como podemos perceber em mais da metade do *corpus*, a saber, nas fichas 1, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 21. De todo modo, conforme dissemos retomando a teoria do Círculo, todo enunciado é resposta. Isso ocorre ainda que, fisicamente, seja apenas um o sujeito a enunciar, em vez de vários, como explica Bakhtin: “desse modo, as relações dialógicas são bem mais amplas que o discurso dialógico no sentido restrito. Entre obras de discurso profundamente monológicas sempre estão presentes relações dialógicas” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 322).

É, portanto, nessa perspectiva da interação e da resposta que consideramos como os sujeitos autores das fichas de estágio se posicionam axiologicamente em relação ao que vivenciam. Embora seja presumível, não custa enfatizar que, para tal análise valorativa, é da superfície textual o papel prioritário, sendo essa superfície de texto tomada como enunciado concreto. Dito de outra forma, é pela análise desses enunciados que buscamos compreender

aspectos da construção dos próprios enunciados, bem como das posições valorativas que eles expressam a partir do elemento dado. Vale lembrar que, em termos práticos, esse elemento dado é, nesta pesquisa, a observação do estágio prático pelo instrutor; o elemento criado é o que ele escreve a partir da sua compreensão ativamente responsiva, que, como repetimos, é atravessada pelo discurso.

3.4 UM TIPO RELATIVAMENTE ESTÁVEL DE ENUNCIADO

Para compreender o gênero discursivo com o qual estamos lidando, é preciso verificar a situação comunicativa no qual ele está inserido. Questionar quem são os participantes da interação, em que esfera de comunicação o gênero atua, qual é o tema dos enunciados, dentre outras perguntas, permite delinear a estabilidade relativa comum entre tais enunciados. Como já citamos, o primeiro passo metodológico, na perspectiva do Círculo, deve ser o exame da interação nas “condições concretas em que se realiza” (BAKHTIN [VOLÓCHINOV], 2006 [1929], p. 127).

Dessa forma, o primeiro ponto que devemos considerar é a esfera de comunicação em que essas fichas de observação de estágio se situam. Embora tratem de um reporte de desempenho técnico, o material discursivo circula em ambiente militar, sendo atravessado, portanto, pelos preceitos, normas, crenças e valores de uma instituição dessa natureza. A propósito, a Força Aérea Brasileira, bem como as outras Forças Armadas do país, tem como pilares a hierarquia e a disciplina. Esses princípios não são uma crença elaborada internamente, são previstos, na verdade, em lei específica, a saber, Lei 6.880, de 9 de dezembro de 1980, o Estatuto dos Militares, que assim os define:

Art. 14. A hierarquia e a disciplina são a base institucional das Forças Armadas. A autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico.

§ 1º A hierarquia militar é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura das Forças Armadas. A ordenação se faz por postos ou graduações; dentro de um mesmo posto ou graduação se faz pela antigüidade no posto ou na graduação. **O respeito à hierarquia é consubstanciado no espírito de acatamento à seqüência de autoridade.**

§ 2º Disciplina é a **rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar** e coordenam seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes desse organismo (BRASIL, 1980, *sic*, grifos nossos).

Embora se trate de uma lei que se aplica a um setor profissional específico, ela é bastante ilustrativa no que se refere à relação entre os participantes da interação verbal que estamos estudando. No CINDACTA IV, os instrutores em controle de tráfego aéreo são, de um modo geral, jovens adultos, entre 20 e 30 anos de idade, sem outra experiência militar que não a da Escola de Especialistas, redigindo documentos que serão lidos por outros colegas instrutores, pelo estagiário a quem a instrução foi ministrada, e, principalmente, por oficiais, que hierarquicamente estão pelo menos quatro graus acima de um terceiro-sargento.

Não se pode encarar as fichas sem levar em conta a imersão do sujeito autor nesse contexto de reverência e observação da hierarquia e da disciplina. Essa é, certamente, uma força atuante na enunciação, especialmente no que se refere ao interlocutor suposto na escrita dos enunciados.

Ao tratar de estética literária, Bakhtin (2010 [1965]) explica como uma concepção de mundo pode estar intimamente ligada a produções discursivas:

Essa literatura está imbuída da concepção carnavalesca do mundo; utilizava amplamente a linguagem das formas carnavalescas, desenvolvia-se ao abrigo das ousadias legitimadas pelo carnaval e, na maioria dos casos, estava fundamentalmente ligada aos festejos de tipo carnavalesco cuja parte literária costumava representar. Nessa literatura, o riso era ambivalente e festivo. Por sua vez, essa literatura era uma literatura festiva e recreativa, típica da Idade Média. (BAKHTIN, 2010 [1965], p. 11)

Bakhtin, na obra citada, refere-se especificamente a como a obra de Rabelais continha riso carnavalesco e representava a cultura popular medieval. Embora haja uma diferença de contexto abismal entre essa pesquisa no campo da literatura e nossa pesquisa no campo do discurso, as abordagens desta e daquela não são irreconciliáveis. Na verdade, a visão epistemológica bakhtiniana, ao nosso ver, se aplica também ao contexto do discurso, visto que a esfera de atuação humana arquiteta condições nas quais os enunciados podem ser construídos; no caso desta análise, entendemos que o ambiente disciplinado e hierárquico é

também uma força que atua no sentido de uma produção discursiva compatível com o ambiente militar.

Com relação ao tema, cumpre lembrar que ele não é meramente o assunto de que o enunciado trata; ele é, além do assunto, a posição que o sujeito enunciator assume em relação a ele; o conteúdo temático, portanto, inclui as refrações ideológicas que são incorporadas aos signos. O sujeito enunciator tem papel essencial nessas refrações, vejamos o por quê.

3.4.1 Viver é agir

O projeto de Bakhtin era o de produzir uma reflexão filosófica sobre a realidade efetiva humana, sobre o que costumamos chamar de vida real. Isso significa dizer que suas ideias se aproximam de uma filosofia existencialista, aquela possibilitada primeiramente por Kierkegaard, ainda no séc XIX. Faraco (2017, p. 150-151) lembra ainda que, para Bakhtin, a vida é maior que a teoria, o que não significa dizer que a teoria não tenha seu lugar, mas sim que ela não é exclusiva nem superior.

É por essa razão que Bakhtin vai propor uma ética, porque o sujeito de que trata é concreto. Uma ética, nessa perspectiva, jamais poderia ser abstrata, para um sujeito abstrato, mas de um sujeito concreto pode ser cobrada responsabilidade ética pelo ato real e único que pratica. Tal sujeito não se encontra em outro lugar senão o da existência. Por ser singular e responsável, por realizar atos na vida concreta é que tal sujeito, como todos os outros, têm o dever ético de exercer sua singularidade. É essa a lógica que vai motivar a conclusão de Bakhtin de que não há alibi para a existência. Para esse filósofo, viver é agir (FARACO, 2017, p. 154), e, nessa ação, o sujeito não só deve exercer sua unicidade, como também deve fazê-lo responsavelmente. É o conceito de evento único do ser que justifica essa unicidade, visto que, segundo essa concepção, não há dois seres humanos iguais nem dois eventos que sejam iguais, pois são todos situados na história e no tempo.

3.5 EXAME DAS FORMAS

Finalmente, passamos à análise propriamente dita das produções feitas na parte final

do gênero discursivo que nos propomos a estudar. Fazemos isso com base nos conceitos já apresentados, tendo em mente aspectos, como a relevância social dessa prática discursiva; a enunciação e a recepção, considerando os destinatários supostos; os desvios do registro padrão da língua e as consequências que isso pode gerar na interação; e, principalmente, de que maneira a inadequação ou a adequação do curso afeta, facilitando ou dificultando, a interação por meio dessas fichas. Parece-nos oportuno também lembrar que os enunciados foram produzidos por instrutores de controle de tráfego aéreo, que foram alunos nas aulas de português da Escola de Especialistas há, pelo menos, três anos antes da redação de tais enunciados. Os nomes utilizados são todos fictícios, para preservar a identidade dos sujeitos.

(Ficha 1): Dumont: O estagiário trabalhou na posição de controle com tráfego intenso. Fex check-lis a todo momento, possui boa califasia e entonação. Conhecia e soube responder os assuntos na OI.

Apesar de saber a fraseologia para aeronave em descida para localidades desprovidas de órgão ATS, se confundia a todo momento e tinha que corrigir as informações fornecidas ao piloto. Devido a complexidade do tráfego, por vezes perdia a consciência situacional.

Foi orientado a estudar fraseologia e ler a MCA 100-11 (designadores STS). É receptivo e muito interessado a instrução

Dumont inicia descrevendo o cenário em que a instrução ocorreu, o que é bastante comum às outras fichas (apenas cinco das 21 fichas analisadas não tem essa estrutura de começo). Classifica esse cenário como sendo de “tráfego intenso”, mas sem explicitar se a intensidade se refere à quantidade de voos, à complexidade das situações ou a ambos. Tendo em vista a frequência desse tipo de introdução, é plausível concluir que o enunciador da ficha 1 (e a maioria dos redatores do *corpus* analisado) supõe que, iniciando o relato com a descrição do cenário do espaço aéreo sob seu controle, atende a uma relação de expectativa de como o texto deva começar. Essas relações de expectativa quanto à audiência e das maneiras possíveis de se expressar é o que se entende por arquetônica, como explica Rojo (WEBINÁRIO..., 2020, 23 min 45 s - 28 min 48 s) esse conceito do Círculo (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 92); é o modo pelo qual o sujeito delinea o enunciado, a partir do qual projeta suas intenções discursivas, segundo as formas possíveis disponíveis.

Chamam atenção alguns desvios da norma-padrão presentes no enunciado, um dos quais provavelmente de digitação (“Fex check-lis”). Esse erro, ademais, aponta para uma atitude de não revisão do texto, indicando não ter havido uma segunda leitura, procedimento

esse que provavelmente evitaria a permanência do equívoco. A inadequação da crase em todas as vezes em que era obrigatória também indica um desconhecimento de sua regra de utilização ou pelo menos confirma a falta de revisão textual, no qual *softwares* de edição de texto ou até mesmo de digitação apontariam desvios desse tipo. Outra inadequação ocorre em “se confundia”, dado o posicionamento do clítico em posição fora do que prevê a norma-padrão. Levantamos essas questões textuais não para elencar as dificuldades de escrita de Dumont, até porque elas não interditam a interação, mas sim para evidenciar como elas contrastam com o emprego de termos aparentemente muito formais, como “califasia”, “fraseologia” e “consciência situacional”. A explicação para isso está no fato de que esses são jargões da profissão, que se referem, respectivamente, à entonação da fala, ao modo padronizado como os controladores devem dizer as instruções aos pilotos e à percepção das mudanças de cenário no espaço aéreo em que se esteja trabalhando. A propósito, esses mesmos jargões se repetem nas fichas 5, 16 e 18.

Já quanto aos aspectos valorativos, Dumont se posiciona positivamente com relação ao desempenho do estagiário que avaliou, elogiando a feitura de *check-list*, aspectos da dicção, além do conhecimento teórico do instruendo. Mais que isso, registra a indicação de material de estudo ao aprendiz, demonstrando que propôs caminhos para solucionar as dificuldades do estagiário. Por fim, valora positivamente o que descreve como “receptivo e muito interessado”, o que parece ser também um procedimento arquetetônico, dado à repetição desse elemento nas fichas 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 21; vale ressaltar que não há qualquer regulamento que indique ou obrigue dizer se o estagiário fora receptivo ou não às instruções, esta parece ser, na verdade, uma maneira de interagir com os leitores presumidos informando que não teria havido problemas com relação à hierarquia e à disciplina, os dois pilares que sustentam o militarismo. Isso porque os leitores possíveis dessa ficha são: o estagiário a quem a ficha se refere, os instrutores, para que possam obter informação do desempenho do estagiário; o chefe da Seção de Instrução, oficial a quem os estagiários estão subordinados administrativamente; o chefe do Centro de Operações Integradas, oficial intermediário ou superior; o chefe da Divisão Operacional, oficial superior, e o Comandante do CINDACTA IV, oficial superior com função de oficial-general. Dessa forma, a preocupação em evidenciar que não há qualquer problema referente à vida militar do estagiário se justifica pela quantidade de oficiais a quem o texto pode chegar, oficiais esses que, como sabemos, são responsáveis por averiguar essas questões disciplinares.

Entretanto, não são todos os sujeitos enunciadorees que manifestam essa preocupação por meio de seus textos. Eduardo, na ficha 2, é absolutamente sintético:

*(Ficha 2) Eduardo: Os objetivos da OI foram atingidos volume de tráfego moderado a intenso.
Precisa melhorar sua organização do console e estudar área.*

Apesar da pequena extensão do enunciado, se comparado aos outros, podemos ver novamente a descrição do cenário. Na ficha 2, diferente do que ocorre na ficha 1, há a especificação de que é o volume de tráfego que é intenso; no entanto, nada se diz sobre a complexidade das situações ou como o estagiário teria agido frente a elas, sequer se registra se houve algum tipo de situação a ser resolvida, é um texto com muitas lacunas, que pouco informa ao próximo instrutor acerca do desempenho do estagiário.

Outro ponto que merece destaque é a diferença de vozes verbais nos trechos em que Eduardo expressa os méritos e as faltas do estagiário: para tratar do aspecto positivo, usa a voz passiva omitindo o agente da ação (“os objetivos da OI foram atingidos”); quando se trata do que deve ser melhorado, usa a voz ativa, facilitando o resgate do agente da ação verbal. A materialidade da ficha 2 indica, portanto, que a valoração que Eduardo faz é negativa, visto que não pontua de maneira direta os êxitos do estagiário, mas o faz com os seus equívocos. A falta de pelo menos vírgula em “os objetivos da OI foram atingidos volume de tráfego moderado a intenso” aponta para uma falta de revisão do texto.

Diferente do que ocorreu na ficha 2, Elisa evidencia os méritos do controlador em treinamento, usando sempre a voz ativa; ao tratar dos erros, registra também sua avaliação a respeito do impacto operacional que poderiam gerar:

*(Ficha 3) Elisa: O instruendo trabalhou na posição de controle com tráfego tranquilo e de baixa complexidade. Neste cenário prestou bom serviço e trabalhou de forma independente.
Cometeu pequenos erros que não comprometeram a segurança do tráfego, nem o bom andamento do fluxo.
Atingiu os objetivos da OI.*

Embora também seja uma ficha de pequena extensão, a qualidade da informação para possíveis leitores em busca de saber sobre a atuação do estagiário é superior à da ficha 2. Elisa apresenta uma escrita fluida, com elementos coesivos bem demarcados, mantendo-se no

registro padrão da língua, embora tenha cometido uma inadequação ao empregar a expressão “tráfego tranquilo”.

Ainda quanto ao grau de informação, a ficha 4 contém uma quantidade significativa de dados a respeito das dificuldades experienciadas pelo estagiário:

(Ficha 4) Nero: Trabalhou com tráfego moderado. Coordenou alguns tráfegos corretamente. Bom conhecimento da fraseologia portuguesa e boa anotação das FPV's²².

Precisa melhorar no conhecimento do console, foi solicitado que plotasse um polígono e não soube fazer-lo. Estudar os telefones das radios e os Reddigs²³ das FIR²⁴ estrangeiras. Melhorar a monitoração e agilidade no trato com os tráfegos, as situações estavam exigindo uma certa agilidade e organização e o estagiário não apresentou nenhuma dessas características. Do meio para o fim da OI não estava dando conta do serviço.

Precisa ser ativo as situações, ou seja, deve estar sempre a frente de tudo e não reativo e esperar que as coisas aconteçam para si tomar uma atitude.

Foi instruído sobre todos os ocorridos e de como melhorar para os próximos.

Nero inicia com a quase protocolar descrição do cenário, afirmando que se tratava de tráfego moderado, mas sem especificar se em quantidade ou complexidade. Em seguida, lista pontos positivos da instrução; no entanto, a posição valorativa de Nero é negativa, de modo que os elogios que faz num primeiro momento servem apenas de introdução para os diversos erros que elencaria em seguida.

Podemos chegar a essa conclusão, pelo fato de os elogios feitos serem de habilidades elementares ao controle de tráfego aéreo: saber a fraseologia portuguesa equivale a dizer que o estagiário soube se comunicar usando a própria língua, quando a dificuldade efetiva enfrentada pelo controlador em treinamento é se comunicar na língua inglesa; boa anotação de FPV indica a realização de um procedimento também trivial, que se aprende nos primeiros dias de estágio; o elogio da atividade mais complexa, a de coordenação, que envolve um trabalho de antecipação, de se comunicar por telefone com outros centros de controle, é feito com ressalva (“coordenou **alguns** tráfegos corretamente”) e seguido da crítica de o aprendiz não saber alguns telefones de órgãos de controle (“estudar os telefones das rádios e os Reddigs das FIR estrangeiras”).

²² Ficha de progressão de voo, documento em forma de tira retangular de papel, no qual se registram informações de um voo; também é chamada de *strip*.

²³ Sigla para Rede Digital da América do Sul e do Caribe. No contexto da ficha, refere-se aos números de telefones dos centros de controle de voo dos países que fazem fronteira com o Norte do Brasil.

²⁴ Sigla para Região de Informação de Voo, do inglês *Flight Information Region*.

Toda a expressividade está materializada na compilação dos erros do estagiário. Essa valoração negativa é o tema da ficha 4 e traz consigo inadequações de registro, como em “não estava dando conta do serviço”, ou ainda uma radicalização, como em “precisa ser ativo às situações, ou seja, deve estar sempre **à frente de tudo**”. Essas inadequações denotam como a vontade da interação transborda os limites da competência para fazê-lo na norma-padrão. A esse respeito, inclusive podemos perceber erros de grafia, especialmente quanto ao uso de acentos (“faze-lo”, “radios”, “a frente de tudo”, “si tomar uma atitude”).

De modo semelhante, na ficha 5 também há o tema do mau desempenho do estagiário. Diferente do que ocorreu na ficha 4, não vemos aqui qualquer tentativa de introdução com o apontamento de acertos, mesmo que básicos, do controlador em treinamento. O instrutor registra sua posição axiológica de reprovação das atitudes do estagiário, logo após cumprir a estrutura de apresentar o cenário.

(Ficha 5) João: *O estagiário trabalhou na função de assistente, tráfego intenso e desvios meteorológicos²⁵ na FIR²⁶.*

O estagiário chegou atrasado novamente para o início da instrução.

Precisa ter mais agilidade e iniciativa para realizar as tarefas durante o serviço.

O estagiário trocou os indicativos de chamada²⁷ diversas vezes nas coordenações. Também queria coordenar os tráfegos com os estimados incorretos.

[...]

Precisa melhorar fraseologia inglesa.

Perdeu a consciência situacional durante o serviço, desta forma não conseguiu auxiliar o controlador na detecção e solução dos conflitos.

Não conseguiu organizar e preencher as strips corretamente, demorou mais de 1 hora tentando realizar esta tarefa.

Foi instruído sobre a importância de aplicar a prioridade correta durante o serviço.

Precisa melhorar a monitoração e o planejamento do tráfego. Precisa utilizar melhor os recursos do console. Foi instruído sobre a importância da interação entre controlador e assistente. O estagiário foi receptivo à instrução.

²⁵ Desvio meteorológico é uma expressão que se refere ao ato de saída de uma aeronave da rota devido a certos tipos de nuvens.

²⁶ Região de Informação de Voo, do inglês *Flight Information Region*. Expressão usada para se referir ao espaço aéreo de jurisdição do centro de controle.

²⁷ Indicativos de chamada são vocativos pelos quais os controladores chamam cada aeronave com cujo piloto desejam falar.

A propósito, essa característica de início do enunciado com a apresentação do cenário operacional é fruto da relação dialógica entre as fichas que circulam, pois, como vimos, não há documentos orientando esse tipo de estrutura. Dessa forma, é o próprio fenômeno do enunciado como resposta a outros enunciados o que melhor explica a repetição dessa estrutura, até porque, em muitos casos, ela não é tão precisa, como vimos nas fichas 1, 2 e 4.

De volta às questões valorativas, João expõe um tópico comportamental a respeito do estagiário. Segundo o instrutor, o problema de pontualidade não só existiu, mas foi recorrente (“O estagiário chegou atrasado novamente para o início da instrução”); a esse relato, não acrescenta qualquer detalhe, como se, por exemplo, o estagiário teria explicado o motivo do atrasado, ou até mesmo se teria havido uma conversa a esse respeito. Para fins de contexto, o controlador deve se apresentar na posição operacional cinco minutos antes do horário previsto para a substituição do outro controlador que esteja trabalhando; dessa forma, o estagiário deve estar a postos antes da chegada do instrutor; caso isso não ocorra, o instrutor pode considerar a situação como um caso de atraso. Registrar isso na ficha, no entanto, aponta para maior intensidade na valoração negativa por parte do instrutor. Como podemos perceber nessa e nas outras fichas, os equívocos relatados são, praticamente em sua totalidade, de natureza técnica ou com relação ao processo de ensino-aprendizagem. Registrar uma questão de caráter disciplinar, numa ficha em que o único ponto positivo é o quase padronizado “receptivo à instrução”, indica o quão negativa foi a valoração do instrutor; some-se a isso a possibilidade de todos os leitores no contexto da formação do controlador de voo serem superiores hierárquicos do estagiário e teremos essa hipótese confirmada.

A ficha 6, em contraste com a 5, traz referências elogiosas. Sua estrutura guarda semelhanças com a ficha 1, segundo a qual temos o seguinte arranjo: *cenário operacional*, *acertos* e *erros*, com a diferença de que, na ficha 1, houve também a indicação de como o instrutor lidou com os erros do estagiário, a saber, indicando material a ser estudado.

(Ficha 6) Frederico: Trabalhou acumulando as funções nos setores²⁸ 06,07 e 08 com volume de tráfego médio e complexidade média. Neste cenário, demonstrou ótimo interesse, boa fraseologia inglesa, boa califasia e entonação, não obstante em alguns momentos se enrolou na fraseologia portuguesa devido a não pensar antes de falar, pois tentou utilizar-se de uma agilidade que ainda não possui. Por fim, precisa melhorar atenção, fazer mais check list, melhorar organização de console e lembrar se falar as

²⁸ Os setores são porções em que um espaço aéreo é dividido, a fim de distribuir o número de aviões entre controladores de voo, de modo que cada um fique responsável por um setor ou mais.

frequências dos tráfegos durante a passagem de serviço e pensar antes de falar com os tráfegos. Responde o conteúdo deste ordem de instrução.

No cenário, Frederico apresenta descrição não só do volume e da complexidade do tráfego, mas também informação a respeito dos setores de jurisdição. Se considerarmos que os setores dos espaços aéreos têm características geográficas e operacionais específicas, podemos dizer que os sujeitos leitores, com formação técnica específica, têm mais condições de fazer predições adequadas sobre que habilidades o estagiário teve oportunidade de treinar.

Quanto aos aspectos textuais, podemos verificar o uso de recursos coesivos, inclusive com o emprego de "não obstante", conectivo que pode ser considerado típico de registro com alto grau de formalidade na língua. Contudo, contrasta com esse uso expressões típicas da oralidade, uma inclusive na mesma sentença, qual seja, "não obstante em alguns momentos **se enrolou** na fraseologia portuguesa"; na esteira dessa dissonância, temos outro contraste pelo emprego de mais um conectivo do registro formal seguido de uma expressão informal, em "devido a **não pensar antes de falar**". Esse modo de enunciar se repete em outro trecho: "por fim, precisa [...] **pensar antes de falar** com os tráfegos"). Nessa linha de raciocínio, observamos uma tentativa de se redigir um texto em registro formal, mas que resulta em inadequações patentes no enunciado concreto apresentado.

No que se refere ao aspecto axiológico, Frederico valora o desempenho do estagiário como sendo o de alguém que tem ótimo interesse, mas que - segundo as palavras do próprio instrutor - "se enrola" e "não pensa antes de falar". É interessante refletir como, mesmo com aulas de redação na Escola de Especialistas, voltadas para o texto unicamente em registro formal da língua, há ocorrência desse tipo de equívoco.

Não é o que ocorre, no entanto, na ficha 7, como podemos constatar:

(Ficha 7) Marta: A 3S²⁹ Jane trabalhou na função de assistente dos setores 8, 9 e 10, o tráfego era alto em complexidade e quantidade.

Demonstrou estar atenta as ensinamentos durante a instrução e desempenhou um bom trabalho seguindo orientações. Apresenta boa fraseologia portuguesa, disciplina ao telefone e boa entonação de voz.

²⁹ 3º sargento.

Aprendeu a coordenar com as FIR adjacentes e APP BV³⁰ e analisar proas diretas³¹. Precisar olhar para o TATIC³² pois só autorizava quando a instrutora a alertava.

Respondeu corretamente os assuntos da Ordem de Instrução e retirou suas dúvidas sobre tráfegos visuais e a correta fraseologia.

A instrutora Marta não comete inadequações vocabulares quanto ao registro esperado para um documento oficial, tendo cometido apenas um erro de digitação em “demonstrar estar atenta as ensinamentos”. Podemos inferir não só uma preocupação com a estrutura textual por parte da autora, mas também com a diagramação do seu texto; os espaços entre parágrafos, organizando o aspecto visual do enunciado indicam isso, como também o indicam nas fichas 9, 14, 15 e 16.

Quanto aos aspectos valorativos, Marta avalia positivamente o desempenho da estagiária, que, além de ter realizado vários procedimentos de maneira correta, o fez em cenário de alto volume de aeronaves e alta complexidade de situações. Inclusive é com essa descrição de cenário que o enunciado se inicia, como já vimos ser uma tendência arquitetônica; essa introdução, no caso da ficha 7, não serviu apenas como uma descrição do período de trabalho, mas sim como um reforço da valoração positiva que é o tema da ficha. De modo semelhante, o elogio ao aspecto comportamental também intensifica essa escolha temática, visto que, segundo o relato, a estagiária não atinge êxito apenas em assuntos técnicos, mas se mostra também atenta aos ensinamentos.

O domínio da estrutura de um enunciado escrito em registro formal não aparece manifesto, entretanto, na ficha 8.

(Ficha 8) Manuel: O estagiária estava desatento e confundiu matrícula das aeronaves após ser corrigido volta a confundir as matrículas, esqueceu a

³⁰ Lê-se APP Boa Vista, referindo-se ao controle de aproximação dessa cidade.

³¹ Proa direta é um jargão para se referir à autorização de um caminho mais curto do que aquele previsto na rota original de uma aeronave.

³² Sigla para *Total Air Traffic Control*. Trata-se de um sistema em que uma torre de controle solicita ao centro, digitalmente, autorização para um voo. A cada pedido de autorização, uma notificação é enviada à tela do controlador do centro, para que verifique e emita a autorização de voo. A crítica da instrutora é que a estagiária não estava atenta a essas notificações.

*frequência do controle Boa Vista e confundiu o tf 2³³ de SBUA e SBTF³⁴.
Receptivo a instrução*

Esse é um caso em que, no conjunto de inadequações cometidas, não há apenas o erro de digitação (evidenciado na estrutura agramatical “o estagiária”), há também problemas de pontuação. A falta de pontos ao final do texto e até na transição de períodos ilustra esse tipo de incorreção, como ocorre em “confundiu matrícula das aeronaves após ser corrigido volta a confundir as matrículas”, em que há prejuízo até mesmo da progressão da leitura.

A posição axiológica quanto ao desempenho do estagiário não demanda muitas camadas de compreensão: é nitidamente negativa. Trata-se de um estagiário descrito como “desatento”, que repete erros mesmo após ser admoestado. Diferente do que ocorre com a maioria das fichas, não há sequer informação sobre o volume de tráfego e a complexidade do cenário, menos ainda que tipo de intervenção o instrutor teria feito para mitigar os erros operacionais do estagiário, além do mencionado caso da confusão de matrículas. O fim da ficha, no entanto, é característico, registrando a protocolar receptividade à instrução.

Se a ficha 8 é marcada por lacunas, a 9, quando comparada àquela, caracteriza-se por ser o oposto. Senão, vejamos:

(Ficha 9) Luís: O estagiário trabalhou na posição de controle, com assistente. O tráfego estava de leve a moderado, sem complexidade.

Notei boa fraseologia e fluência verbal. Bom conhecimento das frequências da FIR's e setores adjacentes, assim como dos APP's. Não usou muito o telefone, mas quando o fez, manteve a disciplina e a fraseologia prevista.

Foi orientado quanto ao ajuste da tela, isolamento de radar, sítio de frequência³⁵, desvios de formação, fraseologia, SITT³⁶, conflitos, etc.

Apresenta um bom raciocínio.

Deve treinar mais identificação dos tráfegos, fazendo escutas para acostumar-se.

Está trabalhando bem para a fase do estágio em que está.

³³ Tipo específico de telefonia entre órgãos de serviço de tráfego aéreo, na qual os números são compostos por três dígitos.

³⁴ Respectivamente, códigos dos aeroportos de São Gabriel da Cachoeira e Tefé.

³⁵ Sítio de frequência é uma expressão usada para se referir ao lugar físico onde estão as instalações técnicas de uma estação de rádio para comunicação entre órgão de controle e aeronave.

³⁶ Equipamento, com tela sensível ao toque, com funções telefônicas e de comunicação via rádio.

Foi instruído a continuar estudando, principalmente área.

Receptivo e interessado na instrução.

Essa ficha dialoga com a de número 7, guardando com ela relação de sintonia, na medida em que há, em ambas, comentário das atitudes do instrutor ante ao pontos do estagiário a serem melhorados (“foi orientado quanto ao ajuste da tela, isolamento do radar...”).

Também podemos observar a organização do aspecto visual do texto, o que aponta para uma preocupação com que aparência esse documento será apresentado para os destinatários supostos; a despeito da falta do uso de recursos coesivos entre o que parecem parágrafos, é mais coerente compreender que a diagramação foi feita para que as frases estejam dispostas como itens de uma lista de comentários. Nessa linha de raciocínio, a adequação ao registro é outro aspecto que ratifica a preocupação visual a que nos referimos, o enunciado segue no registro formal, com pouquíssimos desvios das normas que prescrevem o português-padrão; é essa adequação que nos permite deduzir que a falta de recursos coesivos entre as unidades frasais que mencionamos não são por falta de um conhecimento sobre como ligar parágrafos, ela indica, com probabilidade muito maior, uma escolha pela estrutura do que estamos chamando de lista de comentários.

Some-se a isso a maneira como o tema da ficha é apresentado, com uma ocorrência de uso da primeira pessoa no elogio a aspectos da fala do controlador em instrução (“notei boa fraseologia e fluência verbal”). Esse é certamente um aspecto incomum ao *corpus* desta pesquisa, no qual as avaliações são expressas na terceira pessoa ou então na voz passiva com omissão do agente, ou seja, as escolhas são, com exceção do caso das fichas 9 e 20, por uma redação impessoal, por meio da qual avaliações e valorações são enunciadas com uma estrutura de descrição fatídica, conferindo a elas um *status* de verdade objetiva, não de fruto de análise e observação.

Nessa lógica, compreendemos esse uso da pessoalidade também como uma escolha. Aliado às outras características mencionadas sobre a ficha 9, isso nos permite chegar à conclusão de que esse é um enunciado que, diferente da maioria analisada, apresenta, além de correção, traço mais evidente de autoria.

Na ficha 10, por sua vez, voltamos a ver o esquema de descrição do cenário e relatos em terceira pessoa seguidos do registro da receptividade à instrução.

(Ficha 10) Amélia: A estagiária trabalhou na posição de controlador com tráfego de moderado a alto e de média complexidade durante o turno da tarde. Realizou um bom estágio, trabalhou de forma independente da instrutora. Possui ótima fraseologia portuguesa e inglesa, demonstrou bom conhecimento de área e dos regulamentos, esteve atenta durante todo o serviço, detectou todos os conflitos, analisou-os corretamente e prestou as informação de tráfego cabíveis. Manteve todas as aeronaves na escuta durante todo o estágio e realizou a passagem de serviço de maneira rápida e completa. Receptiva a instrução.

Novamente, a posição valorativa é elogiosa quanto ao desempenho técnico da estagiária, que, segundo Amélia, “trabalhou de forma independente da instrutora”. A repetição do pronome indefinido “todo” e suas variações acentua a axiologia positiva manifesta no enunciado concreto (“esteve atenta durante **todo** o serviço, detectou **todos** os conflitos”; manteve **todas** as aeronaves na escuta durante **todo** o estágio”). Textualmente, percebemos a manutenção de um registro formal, inclusive com algum caso de hipercorreção, como em “**possui** ótima fraseologia”, em vez de “tem”, “apresenta” ou “emprega”. Chama atenção, no entanto, o trecho “prestou **as informação** de tráfego cabíveis”; considerando a redação da ficha como um todo, optamos pela hipótese de erro de revisão de texto, não de desconhecimento da regra de concordância.

Questões mais críticas de revisão, contudo, podem ser vistas na ficha 11, a seguir:

(Ficha 11) João: O estagiário trabalhou com tráfego moderado a alto de complexidade média devido aos desvios de formação meteorológica, aplicou a fraseologia adequada a função de esquerdinha ³⁷, no entanto deve policiar-se aos vícios de linguagem, deve melhorar a agilidade, pois ainda encontra-se com um pouco de dificuldade de fazer as coisas ao mesmo tempo. Foi orientado ao uso do checklist para o auxílio de detecção de conflito e como solução de conflito fazer o uso da radial do órgão ATC³⁸ como meio de separação no planejamento. Fez todas as coordenações no tempo previsto, tem bom conhecimento dos telefones. O instruendo é receptivo a instrução.

³⁷ Jargão informal para se referir ao controlador de voo que ocupa a posição operacional de assistente, este tem como principal função realizar coordenações, por telefone, com outros órgãos de controle.

³⁸ Órgão de controle de tráfego aéreo.

Embora várias das fichas analisadas contenham alguns erros de digitação, na ficha 11 eles são a regra. Não que eles interditem a interação; esse não é o caso, pois o conteúdo temático é prontamente verificável, tratando-se de uma apreciação de desempenho tido como de mediano a levemente positivo, com descrição de erros e acertos.

A ausência de correção gráfica, no entanto, chama atenção para a forma do texto, inclusive com o potencial de distrair o sujeito empenhado na tarefa de realizar a leitura. A ficha de João dialoga com a de Marta e a de Luís, porém por uma relação de contraste: enquanto nas fichas 7 e 9 podemos perceber uma preocupação com a organização visual do texto, a ficha 11 é índice do oposto; se o motivo foi pressa, se houve alguma questão técnica, não podemos precisar, o que temos, todavia, é um enunciado em que pouco se considerou a potencial recepção negativa que os possíveis leitores, muitos deles superiores hierárquicos, poderiam ter a respeito da redação desse documento.

Na ficha 12, por exemplo, temos como único erro de digitação “descolado”, em vez de decolado.

(Ficha 12) Stella: A estagiária iniciou como assistente com tráfego baixo e devido a pouca demanda, assumiu o serviço de controle e assistente. Possui boa fraseologia, no entanto, durante o serviço, demonstrou um certo nervosismo e com isso, a qualidade do serviço caiu, fazendo com que a estagiária não identificasse os tráfegos descolados de órgãos desprovidos³⁹, penalizando-os. Precisa melhorar sua monitoração e identificação de tráfego no quesito vigilância radar. Foi orientada a estudar mais sobre aeronaves não homologadas RVSM⁴⁰ e suas peculiaridades baseadas no que é previsto em regulamento, pois a mesma, durante o serviço, questionou uma aeronave não homologada, mesmo a aeronave com o nível de voo final acima do FL410⁴¹, a mesma ainda teve dúvidas sobre o assunto. Foi receptiva à instrução.

A despeito de algumas poucas inadequações, a ficha apresenta o registro pertinente ao gênero discursivo. Quanto à atuação da estagiária, Stella se posiciona de maneira negativa, e o modo como enuncia isso guarda relação dialógica estreita com a da ficha 4; em ambos os

³⁹ Jargão para aeródromos que não oferecem serviços de tráfego aéreo. É uma redução de “localidades desprovidas de órgão ATS”.

⁴⁰ Sigla para “mínimos de separação vertical reduzidos” (*reduced vertical minimum separation*). De maneira simplificada refere-se ao fato de que, em certas altitudes, o espaçamento vertical entre aeronaves precisa ser dobrado (2 mil pés, em vez de mil), devido a uma possível imprecisão de certos instrumentos das aeronaves; caso essas aeronaves possuam homologação RVSM, não ocorre a necessidade dessa separação em dobro.

⁴¹ FL é uma sigla para “nível de voo” (*flight level*). FL410 significa que se trata do nível de voo a 41 mil pés de altitude (aproximadamente 12,5 km do nível médio do mar).

casos, os sujeitos autores, logo após introduzirem informações breves acerca do cenário operacional, registram um elogio sobre um procedimento de baixa complexidade para, em seguida, descrever de maneira mais detida os erros técnicos dos respectivos controlador e controladora em treinamento.

Na ficha 13, por seu turno, também temos uma valoração negativa, porém com estrutura diversa.

*(Ficha 13) Inácio: O estagiário trabalhou inicialmente acumulando as funções de controlador e de assistente, o aprendiz precisa ter a atitude em falar quando **não estiver dando conta do tráfego**, para que desta forma o supervisor possa chamar um assistente. Observado também que o estagiário precisa interagir melhor com o assistente, falar quando estiver precisando de algo, pois nota-se um certo "receio" em falar com os colegas da operação. Foi instruído também a toda vez que houver necessidade em restringir um tráfego, deve-se informar o motivo da restrição juntamente com a informação de tráfego, atentando principalmente para o correto cotejamento do piloto que foi restringido. Ressalto que o estagiário conseguiu identificar os conflitos, bem como solucioná-los sozinho. Precisa usar o "checklist" na hora da passagem de serviço e fazer os questionamentos pertinentes ao controlador que estiver passando o serviço, assim como aplicar melhor as prioridades, sem deixar o tráfego em espera para atender o telefone. O estagiário é muito interessado, bastante receptivo a instrução.*

Em vez de um elogio formalizado sobre uma habilidade elementar, Inácio redige suas observações quanto aos erros e adiciona, em forma de ressalva, um elogio a habilidades mais complexas (“**ressalto** que o estagiário conseguiu identificar os conflitos, bem como solucioná-los sozinho”); dessa forma, o elogio funciona efetivamente como uma ressalva, visto que suaviza o fato de haver uma sequência de descrições de equívocos do estagiário, o que poderia levar a uma leitura de que o quadro geral do desempenho do estagiário era negativo.

Ao final, Inácio também realiza comentário sobre um aspecto comportamental, dizendo que o estagiário é “**muito** interessado” e “**bastante** receptivo à instrução”; esses intensificadores, de modo semelhante, não cumprem o mero papel de atender à estrutura, aparentemente consagrada nesse gênero, de fechamento do enunciado, mas cumprem, sim, o de atenuar qualquer impressão de que o estagiário tenha apresentado algum desleixo na sua postura profissional, por ter cometido os erros listados.

A ficha 14 também apresenta um advérbio de intensidade ao tratar do comportamento da instruída (“muito dedicada e receptiva a instrução”). No entanto, a função discursiva que ele cumpre no enunciado é totalmente distinta do que ocorre na ficha 13. Vejamos:

(Ficha 14) Joaquim: A estagiária trabalhou de maneira independente, sem interrupção da instrutora com o tráfego baixo e de baixa complexidade. Respondeu as perguntas sobre a área em que atua e respondeu de maneira satisfatória.

A estagiária tem um bom domínio da fraseologia inglesa. Muito dedicada e receptiva a instrução

Na ficha 13, os intensificadores cumprem, na prática, quase uma função argumentativa no discurso, já que operam no sentido de salientar que o estagiário é um profissional com postura adequada, a despeito dos vários erros relatados. Contudo Joaquim, na ficha 14, já se posiciona positivamente ao avaliar a estagiária sob sua instrução, de modo que o advérbio de intensidade atua no discurso confirmando, efetivamente intensificando, a postura axiológica do instrutor.

De semelhante modo, Clarice, na ficha 15, termina o enunciado acentuando sua posição valorativa, não só por meio do advérbio de intensidade, mas também com o emprego — inadequado para o registro — de ponto de exclamação.

(Ficha 15) Clarice: O estágio atuou com bastante independência e auxiliando corretamente a controladora na detecção e solução dos conflitos. Demonstrou ter bastante conhecimento dos acordos e peculiaridades da área e respondeu os questionamentos da instrutora corretamente.

Muito receptivo à instrução!

A ficha 16, ao contrário, não inclui qualquer tipo de pontuação que aponte para um estado emocional do enunciador; antes, na verdade, mantém um tom sóbrio e formal, adequado à esfera comunicativa em que o enunciado se enquadra. O que chama atenção, no entanto, e que destoia dessa sobriedade é o emprego incorreto de letras maiúsculas, bem como a falta de acentuação na palavra “tráfego”, como podemos observar:

(Ficha 16) o estagiário trabalhou com tráfego moderado e sem complexidade. no decorrer do serviço manteve uma consciência situacional e auxiliou seu assistente a coordenar os tráfegos. Foi orientado sobre seus vícios na fraseologia, principalmente na de informação de tráfego. receptivo a instrução.

Esse tipo de inadequação, em contraste com o emprego do registro formal da língua, aponta para uma falta da revisão do texto antes do seu envio. Essa é uma ficha que, nesse aspecto, dialoga estreitamente com as fichas 1, 2, 10 e 11.

Maior cuidado é dispensado à redação das fichas 17 e 18. Em ambas podemos ver uma valoração positiva por parte dos instrutores, expressa principalmente pelo enaltecimento do trabalho independente desempenhado pelos estagiários. Os trechos que expressam isso são, na ficha 17, “**trabalhou sem interferência do instrutor**”; na 18, “**trabalhou sozinha** na maior parte do tempo”.

(Ficha 17) Lima: Nessa segunda passagem, acumulou as funções, porém com tráfego baixo. Com o volume baixo de aeronaves, trabalhou mais à vontade e sem interferência do instrutor. Mesmo assim, foi observado alguns erros da passagem anterior: fraseologia para autorizações e coordenação/ disciplina ao telefone. Receptivo à instrução.

(Ficha 18) Aluizio: A estagiária trabalhou em um cenário complexo e com restrição de radar. Trabalhou sozinha na maior parte do tempo, mantendo a consciência situacional e boa interação com seu esquadra. Foi orientada a respeito da importância do check list dos tráfegos previstos. No geral, teve um bom desempenho, cumpriu com o esperado de acordo com sua fase de estágio.

A mesma apreciação ocorre na ficha 19 (“**deixei-a trabalhar sozinha** sem dar nenhuma intervenção”; “foi excelente, pois **não necessitei intervir na instrução**”). Nela, no entanto, há uma diferença perceptível com relação a quase todas as outras, com exceção da 20, que é a escolha pela narração de situações operacionais que tenham ocorrido ao longo da instrução.

(Ficha 19) Raquel: A Estagiária trabalhou com tráfego alto de média complexidade. Deixei-a trabalhar sozinha sem dar nenhuma intervenção para

analisar como ela iria prosseguir; conseguiu trocar todas frequências, falar com todas aeronaves, informar aeronaves umas para outras, resolver conflitos e tomar as soluções sozinhas sem nenhuma necessidade do instrutor intervir. Teve um azu4336⁴² de SBCY para SBPV⁴³ com final de novel⁴⁴ F360 sendo que existia uma aeronave o AMX015⁴⁵ já no FL360 e na rota, ela conseguiu identificar e subiu o TAM4336 para o FL 340 e informou o tráfego.

conseguiu identificar também outro AZUL4660 de SBCY para a FIR BS⁴⁶ que pediu subida para o FL 350 e vinha outra aeronave na rota no FL330, ela no mesmo momento restringiu FL310 e após a separação de 10NM⁴⁷ reautorizou.

Para a oi⁴⁸ que a estagiária está a performar-se dela na console foi excelente, pois não necessitei intervir na instrução.

No que se refere à posição axiológica que podemos compreender pela leitura da ficha, as narrativas de como a estagiária solucionou situações problemáticas funcionam como uma espécie de fundamentação da análise positiva feita pela instrutora. Não é ilógico, portanto, dizer que essas narrativas funcionam a serviço de uma argumentação, já que, atuando como justificativa factual do que Raquel descreve como desempenho “excelente”, essa estrutura de posicionamento apoiada por fundamentação integral, como sabemos, uma estrutura de argumento.

Quanto aos aspectos da superfície textual, algumas questões são notórias, como a imprecisão vocabular em certos momentos, como em “tomar as soluções”, em vez de “encontrar soluções” ou “solucionar os problemas”; no trecho “teve um azu4336”, não só há a questão do verbo “ter” em contexto formal, como também o emprego inadequado do artigo indefinido, já que não pode haver mais de um voo da Azul com o número 4336; problema com a determinação também ocorre no excerto “conseguiu identificar também outro AZUL4660”, cuja redação é inadequada na medida em que, novamente, só pode haver um voo da Azul com número 4660. Erros no uso da vírgula também se fazem presentes, além de problemas de espaçamento e digitação; estes descuidos relacionados ao aspecto da

⁴² No contexto do tráfego aéreo, os voos comerciais são indicados por um trigrama da companhia aérea (AZU, no caso da Azul; GLO para a Gol; TAM para a Latam; AAL para a *American Airlines* etc.) acompanhado do número do voo.

⁴³ Do aeroporto de Cuiabá (MT) para o de Porto Velho (RO).

⁴⁴ Aparentemente um erro de digitação na tentativa de grafar a palavra “nível”.

⁴⁵ Aeroméxico 015.

⁴⁶ Lê-se “FIR Brasília”, referente ao espaço aéreo sob jurisdição do CINDACTA I, sediado em Brasília.

⁴⁷ Milhas náuticas (*nautical miles*), 10 NM equivalem a 18,52 km.

⁴⁸ Sigla para “Ordem de instrução”, trata-se de uma unidade da instrução prática.

apresentação visual do documento, como já declaramos acerca de outras fichas, apontam para uma falta de revisão adequada antes do seu envio.

Se a ficha 19 é marcada por narrações mais detidas de eventos específicos, a ficha 20 exemplifica um caso de extrema concisão.

(Ficha 20) Paulo: Estágio sem grande complexidade. Foi alertada a pagar informação radar apenas a aeronaves que estejam na visualização radar⁴⁹.

A pequena extensão desse enunciado reverbera a característica da ficha 8 nesse mesmo sentido: ambas são marcadas por lacunas. Paulo registra um ponto a ser melhorado pela estagiária a quem ministrou instrução prática, a saber, a escolha adequada do tipo de informação a ser dada, dependendo se as aeronaves estejam sob visualização radar ou não; no entanto, não registra os acertos da estagiária, ou mesmo um quadro geral de sua atuação considerando a fase do estágio em que se encontra. Outro ponto que aponta para uma relação, mesmo que em menor grau, com a ficha 8 tem a ver com o emprego do registro formal. Veja-se que a análise daquela ficha foi de que o enunciador não dominava aspectos da variedade padrão formal da língua; na ficha 20, essa questão pode ser retomada em um ponto, qual seja, o uso da expressão do verbo “pagar” como sinônimo de “fornecer”, “prover”, “dar”. Essa acepção é característica do contexto militar e, apesar de a ficha também fazer parte do mesmo campo de atuação, “pagar” a alguém algo que não seja de valor monetário é um uso típico do registro informal oral, inadequado para o enunciado que estamos analisando.

A posição axiológica de Paulo parece ser de desinteresse em fazer um registro mais completo da instrução. Não que estejamos fazendo algum juízo de valor sobre sua atuação e postura profissional, mas sim porque a própria superfície do enunciado indica isso. Ao descrever o cenário da prática como “estágio sem grande complexidade” já se pode supor que não tenha havido situações complicadas ao ponto de gerar uma avaliação relevante ou digna de ser registrada, de modo que, se acaso os instrutores seguintes desejem acessar um panorama dos últimos rendimentos da estagiária, que leiam fichas de cenários mais complexos.

⁴⁹ “Informação radar” é um termo que se refere a um tipo de mensagem específica que se fala a um piloto a respeito de uma aeronave em conflito de rotas com a sua. Quando essa aeronave conflitante está no espaço aéreo com cobertura radar, a informação prestada tem elementos obrigatórios que, no caso de a aeronave conflitante não estar em espaço aéreo de vigilância radar, não devem constar da mensagem. O termo técnico para se referir a esses tipos de mensagem é “informação de tráfego”.

Não é essa a valoração expressa na ficha 21, na qual o instrutor, ao elogiar o emprego da fraseologia pela estagiária, faz uma retomada dos últimos serviços (“evoluiu muito desde o último serviço que a acompanhei”), evidenciando o caráter responsivo desse enunciado com relação aos que vieram antes dele.

(Ficha 21) Castro: A estagiária fez bom uso da fraseologia portuguesa e inglesa, evoluiu muito desde o último serviço que a acompanhei.

Tem ótimo conhecimento das publicações, manuais e acordos. Agilidade e proatividade melhorou consideravelmente.

Fez ótima monitoração do tráfego, informando corretamente 2 tráfegos (desconhecidos) que estavam na proa do AZU5066 em descida. (SBCY- SBSI)⁵⁰.

Precisa de poucas lapidações para o excelente.

Estagiária está evoluindo bem para a avaliação final.

Receptiva a instrução.

O tema da ficha se realiza em tom elogioso, do início ao fim. O emprego de adjetivos e advérbios reforçam essa temática positiva, como podemos verificar nos seguintes trechos: “a estagiária fez **bom** uso da fraseologia”, “evoluiu **muito**”, “tem **ótimo** conhecimento”, “agilidade e proatividade melhorou **consideravelmente**” (*sic*) e “fez **ótima** monitoração”. Mesmo o trecho que mais se aproxima de uma avaliação negativa apresenta tom laudatório (“precisa de poucas lapidações para o excelente”).

Essa escolha indica que o enunciador leva em consideração que o estágio se encontra em fase final, como vemos em “estagiária está evoluindo bem para a avaliação final”, de modo que assinala para os próximos leitores que essa estagiária está próxima de ser habilitada, isto é, não apresenta qualquer empecilho técnico para tal. Dito de outra forma, compreendemos que o enunciado foi construído direcionando uma expectativa positiva nos leitores que vão a essa ficha em busca de saber como anda o processo de habilitação da controladora em treinamento.

Em seguida, estão as considerações finais, que constam a fim de encerrar esta dissertação, materializando, por meio dela, o excedente de visão que nos permitiu conferir o

⁵⁰ Do aeroporto de Cuiabá para o de Sinop, ambos no Mato Grosso.

acabamento ao enunciado produto da pesquisa. A exotopia foi o que possibilitou esse acabamento. Retomemos esses conceitos antes de apresentar o fruto de nossas compreensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, cumpre abordar um assunto que teve grande impacto na realização desta pesquisa: a pandemia de COVID-19. Como sabemos, o mundo foi assolado por essa catástrofe biológica, que levou mais de 6 milhões de pessoas a óbito ao redor do globo (DAILY..., 2022). A cidade de Manaus viveu sua tragédia particular, com o colapso do sistema de saúde devido à falta de cilindros de oxigênio. À capital do chamado pulmão do mundo, faltou o ar.

Nesse cenário distópico, nossa capacidade de adaptação à mudança foi posta à prova e, naturalmente, os rumos desta pesquisa não passaram incólumes. A título de exemplo, o projeto, antes da pandemia, apresentava a intenção de uma pesquisa colaborativa⁵¹ com os professores de Português I e II da EEAR. A ideia era ir até à Escola, na cidade de Guaratinguetá (SP), aproveitando missões de instrução de controle de tráfego aéreo possíveis de serem cumpridas nos anos da pesquisa. Entretanto, essas missões foram canceladas, devido à necessidade de isolamento dos militares da Escola, de maneira que os instrutores de controle de tráfego aéreo que estavam lá não puderam ser substituídos, como normalmente aconteceria a cada semestre.

Outro ponto de mudança foi que, paralelamente à feitura da pesquisa, tínhamos a intenção de dar voz aos próprios controladores instrutores a respeito dessa relação entre o ensino na Escola de Especialistas e as práticas discursivas que lhes são atribuídas como dever, materializadas em forma de relatórios e outros gêneros administrativos. A ideia era lançar mão do uso de questionários (NUNAN, 1992), com a finalidade de chegar a um panorama da impressão de que os militares controladores de voo teriam sobre a própria formação, de modo que as demandas e necessidades, nesse sentido, fossem identificadas. Tendo em vista os limites das dimensões deste trabalho, essa proposta teve de ser deixada para uma oportunidade futura.

Dessa forma, dois dos objetivos originais foram retirados da pesquisa, a saber: checar como os instrutores de controle de tráfego aéreo percebem as relações entre o ensino-aprendizagem na Escola e o uso efetivo dos enunciados escritos em contexto

⁵¹ Quem se interessar por conhecer um exemplo desse método poderá encontrá-lo em Bortoni-Ricardo (2008, p.76-78).

institucional; e sugerir possíveis caminhos alternativos para a prática de produção textual no contexto da formação de sargentos controladores de tráfego aéreo. Assim como o primeiro objetivo teve de ficar no caminho, considerando os limites de uma pesquisa de mestrado, o segundo objetivo só coube nesta dissertação como o vislumbre de um possível desdobramento da pesquisa.

O projeto que sobreviveu, portanto, foi se reconstruindo em conjunto não só com a própria investigação, como propôs a Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2010), mas com as novas condições que a vida nos impôs. Desse modo, apresentamos nossa compreensão a respeito das perguntas remanescentes, sendo esta a primeira: **que interlocutor é suposto na construção das fichas de estágio?**

O mais adequado, neste caso, é falar de interlocutores, no plural, pois são vários os possíveis leitores das fichas de estágio. Como já vimos, os leitores reais são militares controladores de voo, sargentos, colegas de trabalho do instrutor que redige a ficha; o próprio estagiário sobre o qual há o relato; os oficiais ligados à instrução, sendo estes oficiais especialistas em controle de tráfego aéreo ou então oficiais aviadores, estes últimos sem formação especializada em controle de tráfego aéreo, mas com competência administrativa e militar para participar dos processos de habilitação dos aprendizes.

Na escrita para esse universo de leitores, percebemos indícios suficientes de uma tentativa de uso da norma-padrão da língua portuguesa, ainda que, muitas vezes, essa tentativa tenha resultado em malogro, considerando-se o número de inadequações não só quanto à norma, mas também quanto ao próprio registro. Ainda assim, a mera tentativa pressupõe a preocupação em dirigir-se a leitores pertencentes a um contexto formal de interação.

Ademais, outra preocupação manifesta foi a de registrar a receptividade do controlador instruindo às explicações do controlador instrutor; é verdade que nem sempre ficou claro se essa era uma preocupação no sentido de informar acerca da disciplina militar do estagiário perante o instrutor ou se tratava-se apenas de algo que se tornou um clichê nas fichas de estágio; de todo modo, essa questão é secundária, até mesmo irrelevante para a pergunta de pesquisa da que estamos discutindo. O que importa é que a expectativa da existência desse comentário orienta a produção discursiva, apontando para um tipo de leitor cuja posição axiológica seja a de valorizar esse registro do comportamento do estagiário; mais que isso: o registro do bom comportamento do estagiário. Trata-se portanto, de leitores supostos pertencentes à mesma esfera de atuação que o redator da ficha, esfera militar de

atuação, dentro da qual se supõe que há sujeitos preocupados com traços técnicos e traços comportamentais do estagiário, o que se explica pela própria especificidade da composição desse campo, qual seja, a de ser composta por indivíduos técnicos e militares.

Isso nos ajuda a responder **que marcas específicas caracterizam esse gênero discursivo**. Antes, porém, cumpre lembrar que os enunciados das fichas que analisamos não constituem, sozinhos, o gênero discursivo, eles são, em vez disso, uma pequena produção discursiva feita ao final de uma avaliação em forma de lista, com conceitos a serem selecionados. No entanto, para fins práticos desta análise, é a esses enunciados a que nos referimos na pergunta de pesquisa. Feita essa elucidação, importa dizer que, predominantemente, esses textos são marcados por uma descrição do cenário operacional, geralmente com o volume do tráfego e a complexidade das situações, um relato com as avaliações do desempenho do estagiário, no qual podemos entrever posições axiológicas dos enunciadore, finalizado com a receptividade à instrução.

Esse registro da receptividade à instrução, ao qual reiteradamente nos referimos, nos auxilia a explicar **que forças atuam na enunciação**, sendo a enunciação aqui tomada em seu efeito, o enunciado. A compreensão que tivemos foi de que a principal força atuante nesse sentido é decorrente da característica militar do campo de atuação humana estudado. No tocante às fichas de estágio, vimos que as questões de hierarquia e disciplina fazem parte do contexto mediato da interação, isto é, daquele contexto relacionado às forças da organização estrutural da sociedade atuantes no enunciado (SOBRAL, 2009). É, no entanto, no Currículo Mínimo que fica mais evidente outro traço do militarismo, qual seja, a uniformização.

Ao analisar o CM, questionamo-nos acerca do porquê de o documento parecer exprimir uma preocupação com o estudo das variações linguísticas, a nível de reconhecimento. Àquela altura, o que suscitou nossa indagação foi o pressuposto, que pode ser amplamente verificado de modo empírico, de que Forças Armadas são mais conhecidas por seu caráter uniformizador do que por sua promoção à diversidade. Nessa linha de raciocínio, compreendemos que esse traço uniformizador se estende, em determinado grau, também às diretrizes da prática pedagógica, que, por exemplo, apregoa o ensino do texto dissertativo baseado em esquemas (COMANDO DA AERONÁUTICA 2016a, p. 15.).

De modo semelhante, cremos que essa uniformidade aponta para uma reflexão sobre a pergunta **“em que medida a institucionalidade atravessa a questão da autoria?”**, isso porque esse caráter uniformizador também aparece refletido na estrutura da grande maioria

dos enunciados que analisamos. A produção discursiva das fichas de estágio não sofre diretamente qualquer tipo de diretriz legislativa específica; em outras palavras, não há um regulamento da Aeronáutica que oriente aspectos da escrita da ficha de estágio, como acontece com outros gêneros da instituição⁵². Tendo isso em vista, podemos dizer que haveria, portanto, certa abertura para a construção formal dos enunciados, de modo que houvesse maior heterogeneidade na composição do *corpus* analisado. Na contramão disso, o que vemos é uma tendência à estabilização das formas. Naturalmente, a existência de grau significativo de regularidade é atributo identificável na formação de qualquer gênero do discurso, até porque os gêneros são isto mesmo: enunciados que, embora singulares e individuais, detêm, dentro de cada campo de atuação humana, seus “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262); mesmo sabendo disso, que o processo de constituição de um gênero se dá por certa estabilidade, parece-nos que a uniformidade institucional, neste caso, tem sido um dos motores para que tal processo ocorra de maneira mais orgânica, visto que essa uniformidade é, desde a formação na Escola de Especialistas, arraigada nas — e por intermédio das — diretrizes educacionais.

Também foi um ponto de análise a questão de como e em que contexto sistemático os objetivos das disciplinas de redação do Curso de Formação de Sargento são apresentados. Vimos que tal divisão sistemática dos conhecimentos ocorre, oficialmente, em três níveis: o campo militar, o campo técnico-especializado e o campo geral, no qual, neste último, Língua Portuguesa I e II se encontram. O que se destacou, nesse sentido, foi como os objetivos dessas disciplinas se apresentaram de maneira igual, com o mesmo texto, nos documentos de 2016 a 2018; no entanto, em 2019, um texto completamente novo se apresenta, trazendo inclusive descrições acerca de a quem se destina o ensino-aprendizagem das disciplinas, no qual são citadas as expressões “diferentes níveis” e “diferentes origens e formações”. Em suma, no Currículo Mínimo de 2019, há maior neutralidade na descrição de conceitos. Atribuímos esse fato à aplicação de uma lei de 2014, relativa a ações afirmativas de criação de reserva de vagas.

O olhar teórico-metodológico que orientou todas essas conclusões se fundou na Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2010), que não pode ser entendida como uma metodologia linear e fechada, mas sim como uma postura que o sujeito pesquisador deve

⁵² A esse respeito, veja-se a NSCA 10-2, que trata sobre os gêneros discursivos oficiais no âmbito da Aeronáutica (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2019b).

adotar diante do *corpus* e do ato da pesquisa. Essa postura é, ao nosso ver, a essência do procedimento proposto por Brait (2010), tendo em vista que outra característica também essencial da ADD é a construção simultânea dos passos metodológicos por meio da interação com o que se pretende estudar. Essa maior abertura nos permitiu assumir o contato com as lentes da Linguística Aplicada que, por muitas vezes, revestiram nosso olhar; isso aconteceu na medida em que nunca perdemos de vista que as práticas pedagógicas de linguagem encontram seu sentido quando se considera a necessidade real de uso da língua pelos alunos. Defendemos, portanto, um ensino-aprendizagem que seja pautado na respectiva esfera de atividade humana com a qual se correlaciona.

A partir dessa ótica, **investigamos as relações entre os gêneros discursivos produzidos pelos controladores de voo do Centro Amazônico e as diretrizes do curso de Língua Portuguesa a que eles têm acesso na EEAR**, o que foi o objetivo geral desta pesquisa. Confirmamos nossa hipótese inicial de que o curso de formação, no que se refere às disciplinas Língua Portuguesa I e II, não é voltado especificamente para as necessidades reais de uso das práticas discursivas de um sargento da Aeronáutica, como pudemos ver no caso dos controladores de tráfego aéreo do Centro de Controle de Área Amazônico. A análise permitiu concluir, por meio da presença generalizada de inadequações textuais e discursivas nas fichas examinadas, que não há sucesso em se produzir enunciados condizentes com a esfera de atuação da qual fazem parte. Assim contemplamos o objetivo específico de **analisar como e em que medida o conjunto de práticas pedagógicas do curso oferecido atende às necessidades reais de uso, pelos militares ATCO lotados no CINDACTA IV em contexto institucional**.

Como já deve estar evidente, justificamos essa falta ao **identificar a visão de língua e os parâmetros norteadores do ensino-aprendizagem subjacentes ao CM e ao PUD**, tarefa que consta como um objetivo específico deste trabalho. A valorização de modelos esquemáticos de texto, sem qualquer vinculação com algum gênero discursivo que se tenha como alvo, exceto a própria redação escolar, faz com que se reforce uma dinâmica pouco fértil. Segundo essa dinâmica, um aluno escreve para um interlocutor específico, o professor, com a expectativa do recebimento de uma nota, resumindo-se nisso o que poderia ser uma oportunidade de desenvolvimento de uma prática letrada associada ao próprio cotidiano institucional da Força Aérea.

Das consequências disso, no caso das fichas analisadas nesta pesquisa, uma que salta aos olhos é a questão da uniformidade esquemática apresentada nessas fichas, como se cada controlador tivesse aprendido a escrever sua ficha a partir de uma espécie de cópia de fichas anteriores. Esse acontecimento nos permitiu **compreender que procedimentos discursivos orientam os controladores de voo ao redigir fichas de estágio**, outro objetivo específico da pesquisa. A questão que poderia surgir é se trata-se meramente de procedimento normal ao gênero discursivo, ou se essa uniformidade seria decorrente do caráter militarizado do campo de atuação investigado. A segunda hipótese nos parece mais razoável, já que a uniformização se apresentou como um traço do militarismo, mas que também chegou tanto à questão pedagógica como à questão enunciativa.

Em suma, a análise dos enunciados refletiu, de modo efetivo e material, como o curso de formação, nas disciplinas de redação, não se constrói voltado para as necessidades reais de uso discursivo dos sargentos em âmbito técnico-operacional. Esse é o ponto central das nossas conclusões.

Tais conclusões, cumpre ressaltar, jamais foram apresentadas com a pretensão de serem incontestáveis. Ao deixar de lado a primeira pessoa do plural, reforço que esta pesquisa se coloca, na verdade, como a materialização do meu não-álibi da existência. Como um enunciado singular, irrepetível, embora, repito, contestável. Como fruto de reflexões possíveis apenas porque “a cabeça pensa onde os pés pisam”. Como um dos poucos atos políticos que, na condição de sujeito militar e pesquisador, me cabem — pois, parafraseando Paulo Freire, a pesquisa é, sim, um ato político. E, tomando como base a filosofia de Bakhtin, que é, como se sabe, uma filosofia do ato, eis aqui, então, o ato que me cabe.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO. A autoria institucional em editoriais de jornal. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, 2006, v. 50, n. 1, p. 77-89. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1396/1096> Acesso em: 01 abr. 2021.

ALVES FILHO, Francisco. Linguística Textual e Análise do Discurso. *In*: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). **Linguística textual**: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. cap. 11, p. 335-356.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 94-114.

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In*: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (org.). **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 11-25.

ARAÚJO, Márcio Luis Nogueira. A navegação aérea e o controle de tráfego aéreo no Brasil: desafios e paradoxos da gestão militar em um meio civil. **Anais do V Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, [s. l.], v. 5, n. 1, 2 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/14304/9678>. Acesso em: 16 maio 2022.

AZZARI, Eliane Fernandes; LOPES, Jezreel Gabriel. Interatividade e tecnologia. *In*: ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. cap. 10, p. 193 - 215.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. [VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 10. ed. São Paulo. Hucitec, 2006 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1965].

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3ª. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017 [1920-24].

BERNARDO, Gustavo. **Redação Inquieta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. A primeira edição é de 1955.

BLOOM, Benjamin S.; KRATHWOHL, David R.; MASIA, Bertam B. **Taxionomia de objetivos educacionais**: domínio afetivo. Porto Alegre: Globo e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972. v. 2.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. A primeira edição é de 1945.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-32.

BRASIL. **Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980**. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. República Federativa do Brasil. Disponível em: <https://bityli.com/Gbvir>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MECSEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MECSEF, 2000.

BRASIL. **Livro branco de defesa nacional**, 2012. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/index.php/estado-e-defesa/livro-branco-de-defesa-nacional>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. República Federativa do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112990.htm. Acesso em: 20 mar. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire de sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Departamento de Ensino da Aeronáutica. Portaria DEPENS nº 176-T/DE-2, de 16 de abril de 2015. Edital. **Instruções específicas para o exame de admissão (modalidade “B”) ao Curso de Formação de Sargentos da Aeronáutica — Turma 1 do ano de 2016**. Brasília: Departamento de Ensino da Aeronáutica, 2015. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=9572>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Departamento de Ensino da Aeronáutica. ICA 37-54. **Currículo mínimo do Curso de Formação de Sargentos da especialidade de controle de tráfego aéreo (BCT)**. 2016a. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=25303>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Departamento de Ensino da Aeronáutica. Portaria DEPENS nº 45-T/DE-2, de 19 de janeiro de 2016. Edital. **Instruções específicas para o exame de admissão (modalidade “B”) ao Curso de Formação de Sargentos da Aeronáutica do ano de 2017**. Brasília: Departamento de Ensino, 2016b. Disponível em:

<https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=26748>.

Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Departamento de Ensino da Aeronáutica. ICA 37-54. **Currículo mínimo do Curso de Formação de Sargentos da especialidade de controle de tráfego aéreo (BCT)**. 2017a. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=1784>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Diretoria de ensino da Aeronáutica. Portaria DIRENS nº 256-T/SDEN, de 30 de junho de 2018. Edital. **Instruções específicas para o exame de admissão ao Curso de Formação de Sargentos da Aeronáutica para o segundo semestre do ano de 2018**. Brasília: Diretoria de Ensino da Aeronáutica, 2017b. Disponível em: <https://ingresso.eear.aer.mil.br/SOO/editais/CFS%20%202019/ie.pdf?concurso=CFS%20%202019>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Departamento de Ensino da Aeronáutica. ICA 37-54. **Currículo mínimo do Curso de Formação de Sargentos da especialidade de controle de tráfego aéreo (BCT)**. 2018a. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=13341>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Diretoria de Ensino da Aeronáutica. Portaria DIRENS nº 268-T/DPL, de 13 de julho de 2018. Edital. **Instruções específicas para o exame de admissão ao Curso de Formação de Sargentos da Aeronáutica para o segundo semestre do ano de 2019**. Brasília: Diretoria de Ensino da Aeronáutica, 2018b. Disponível em: <https://ingresso.eear.aer.mil.br/SOO/editais/CFS%20%202019/ie.pdf?concurso=CFS%20%202019>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Departamento de Ensino da Aeronáutica. ICA 37-54. **Currículo mínimo do Curso de Formação de Sargentos na especialidade de controle de tráfego aéreo (BCT)**. 2019a. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=16172>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMANDO DA AERONÁUTICA (Brasil). Comando-Geral do Pessoal. Portaria COMGEP nº 836/DLE, de 1º de maio de 2019. NSCA 10-2. **Correspondência e atos oficiais do Comando da Aeronáutica**. 2019b. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=3593>. Acesso em: 20 mar. 2022.

DAILY new confirmed COVID-19 deaths per million people: 7-day rolling average. Due to varying protocols and challenges in the attribution of the cause of death, the number of confirmed deaths may not accurately represent the true number of deaths caused by COVID-19. In: **Our world in data**. [S. l.], 15 nov. 2022. Disponível em: <https://ourworldindata.org/explorers/coronavirus-data-explorer>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DÖRNYEI, Zoltán. **Research methods in applied linguistics**: quantitative, qualitative and mixed methodologies. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (ed.). **Handbook of research on teaching**. 3ª. ed. New York: Macmillan Publishers, 1986. cap. 5, p. 119 - 161.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Um posfácio meio impertinente**. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3ª. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017. p. 147-158.

FORÇA AÉREA BRASILEIRA (Brasil). **Regras do Ar. ICA 100-12**. Comando da Aeronáutica. Departamento de Controle do Espaço Aéreo. [Rio de Janeiro] 2018.

FORÇA AÉREA BRASILEIRA (Brasil). **Missão, Visão e Valores**. [S. l.], 2018. Disponível em: <http://www.fab.mil.br/institucional>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013 [1991].

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. As traduções brasileiras de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. In: BRAIT, Beth. **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota editora, 2014. p. 75-89.

GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-80.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein ; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. Mecanismos de constituição textual. A organização do texto. Fenômenos da linguagem. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGRITTE, René. **A traição das imagens**. 1929. Pintura, óleo sobre tela. 63,5 × 93,98 cm.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAURO, Túlio de. **Une introduction a la sémantique**. Paris: Payot, 1969 [1966].

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. Os elementos da construção artística. In: MEDVIÉDEV (Círculo de Bhaktin). **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012 [1928]. Tradução de Ekaterina Américo e Sheila Grillo.

MENDONÇA, Fernanda Dias de Los Rios. **Discurso de professores de língua portuguesa em formação: uma análise dialógica de relatórios de estágio supervisionado de observação.** Orientador, Werner Heidermann. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128731>. Acesso em: 31 mar. 2021.

MOTTER, Arlete Ana; GONTIJO, Leila Amaral. A influência das comunicações na carga de trabalho do controlador de tráfego aéreo. **Divers@! Revista eletrônica interdisciplinar**, Matinhos, v. 3, n. 1, p. 48-59, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34068/21216>. Acesso em: 11 abr. 2021.

NUNAN, David. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, H. F. Os gêneros da redação escolar e o compromisso com a variedade padrão da língua. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (org.) **Os gêneros da redação escolar e Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino**. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2004.

OLIVEIRA, Maria Isabel Soares; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Política de língua portuguesa para o ensino de redação no nível médio: da educação brasileira: o texto argumentativo dos PCN's à redação do ENEM. **Verbum**, São Paulo, ano 2, v. 6, 1 fev. 2017. Verbum - cadernos de pós-graduação, p. 6-30. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/30274/22040>. Acesso em: 28 fev. 2022.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3, p. 353-438.

RIO DE JANEIRO (ESTADO). **Anuário Estatístico de Tráfego Aéreo**. Departamento de Controle do Espaço Aéreo. Centro de Gerenciamento de Navegação Aérea. Rio de Janeiro, 2017.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. cap. 1, p. 13 - 36.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009. [Série Ideias sobre Linguagem].

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução de Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Census, 2014

VAN DIJK, T. A. Disciplines of discourse. In: **Handbook of discourse analysis**. London: Academic Press, 1985, v. 2.

VIDAL, M. C.; MOREIRA, SB. **Relatórios de pesquisas ergonômicas realizadas no controle de tráfego aéreo do rio de Janeiro (APP/RJ)**. COPPE/UFRJ, 1999.

WEBINÁRIO ProfLetras UNESP - Conferência Multiletramentos e protótipos de ensino - Roxane Rojo. Vídeo (2 h 31 min 14 s). Publicado pelo canal GED - Grupo de Estudos Linguísticos.: YouTube, 14 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Ly4mZS7-gjo?si=XM-GUhq33z7LImvK>. Acesso em: 10 fev. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Modelo de ficha de estágio (frente e verso)

Anexo C - Ficha de Avaliação Prática de ATCO

ORGANIZAÇÃO REGIONAL
DIVISÃO DE OPERAÇÕES
SUBDIVISÃO DE GERENCIAMENTO DE TRÁFEGO AÉREO

FICHA DE AVALIAÇÃO PRÁTICA DE ATCO							
AVALIADOR(A):					FINALIDADE:		
AVALIADO(A):					LICENÇA:		
ORGAO/SETOR:				LOCAL e DATA:			
ITEM	ÁREA AVALIADA	ITENS A SEREM AVALIADOS	O	B	R	NS	NA
A	LEGISLAÇÃO DE TRÁFEGO AÉREO	CONHECIMENTO DAS NORMAS DE TRÁFEGO AÉREO					
		APLICAÇÃO DAS NORMAS DE TRÁFEGO AÉREO					
		CONHECIMENTO DOS PROCEDIMENTOS DE NAVEGAÇÃO AÉREA					
		APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE NAVEGAÇÃO AÉREA					
		CONHECIMENTO DO MANUAL, MODELO E ACORDOS OPERACIONAIS					
B	DOMÍNIO ESPACIAL E USO DOS MEIOS	APLICAÇÃO DO MANUAL, MODELO E ACORDOS OPERACIONAIS					
		CONHECIMENTO DA ÁREA DE ATUAÇÃO					
		CONHECIMENTO DO CONSOLE					
		CONHECIMENTO E USO VHF / HF					
		CONHECIMENTO E USO DOS TELEFONES					
C	ORGANIZAÇÃO	ORGANIZAÇÃO DAS STRIPS					
		PREENCHIMENTO DAS STRIPS					
		ORGANIZAÇÃO / LIMPEZA DO CONSOLE					
		TÉRMINO DE PLANO DE VOO					
D	COORDENAÇÃO	COORDENAÇÃO DE TRÁFEGO					
		INTERAÇÃO CONTROLADOR/ASSISTENTE/COORDENADOR/SUPERVISOR					
		TRANSFERÊNCIA DE CONTROLE					
E	COMUNICAÇÃO ORAL	TRANSFERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO					
		CALIFASIA / ENTONAÇÃO					
		DISCIPLINA AO TELEFONE					
		FLUÊNCIA VERBAL					
		FRASEOLOGIA PORTUGUESA					
F	INFORMAÇÕES ATS	FRASEOLOGIA INGLESA					
		INFORMAÇÃO DE VOO					
		INFORMAÇÃO DE TRÁFEGO					
		INFORMAÇÃO METEOROLÓGICA					
G	PLANEJAMENTO	INFORMAÇÃO DE TRÁFEGO ESSENCIAL					
		RECEBIMENTO DO SERVIÇO					
		AUTORIZAÇÃO DE FPL					
		APLICAÇÃO DE PRIORIDADE					
		CONTROLE DE FLUXO					
		REAUTORIZAÇÕES					
H	CONTROLE DO TRÁFEGO	SEQUENCIAMENTO DO TRÁFEGO					
		PASSAGEM DO SERVIÇO					
		APLICAÇÃO DE SEPARAÇÕES					
		DETECÇÃO DE CONFLITOS					
		SOLUÇÃO DE CONFLITOS					
I	EMERGÊNCIA E DEGRADAÇÃO	MANUTENÇÃO DO CONTROLE DO TRÁFEGO					
		EMERGÊNCIA / INTERFERÊNCIA ILÍCITA / FALHA DE COMUNICAÇÕES					
		FASES DE EMERGÊNCIA (INCERTEZA / ALERTA / PERIGO)					
		PLANO DE DEGRADAÇÃO / CONTINGÊNCIA					
J	VIGILÂNCIA ATS	AERONAVE INTERCEPTADA					
		IDENTIFICAÇÃO					
		MONITORAÇÃO					
		VETORAÇÃO					
K	AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL	ENCERRAMENTO DO SERVIÇO					
		INTERESSE					
		ATENÇÃO					
		RACIOCÍNIO					
		CONTROL E EMOCIONAL					
		TRABALHO EM EQUIPE					
O = Ótimo / B = Bom / R = Regular / NS = Não Satisfatório / NA = Não Avaliado			TOTAL DE ITENS AVALIADOS				
TEMPOS AVALIADOS		Posição Controle	Posição Assistente				
		Tempo:	Tempo:				
RENDIMENTO							

CENÁRIO:			
HORÁRIO:		VOLUME MÉDIO DE TRÁFEGO:	
Início:	Término:	<input type="checkbox"/> Menor/igual a 7.	<input type="checkbox"/> Entre 7 e 14. <input type="checkbox"/> Maior/igual a 14.
CONDIÇÕES ESPECIAIS DO SETOR			
<input type="checkbox"/> Turbulência	<input type="checkbox"/> Desvios de formação	<input type="checkbox"/> Esperas	<input type="checkbox"/> Alteração de Rotas <input type="checkbox"/> AFIL <input type="checkbox"/> GEIV
<input type="checkbox"/> Ativação de Espaço Aéreo Condicionado	<input type="checkbox"/> Manobra/Exercício Militar	<input type="checkbox"/> E-99/R-99	
RESTRIÇÕES TÉCNICAS			
<input type="checkbox"/> VHF	<input type="checkbox"/> RADAR	<input type="checkbox"/> Telefonia	

COMENTÁRIOS:

AVALIADO(A)

AVALIADOR(A)

Ciente desta Ficha de Avaliação.

CHEFE DO UOP

AVALIADOR(A) PRÓXIMA FICHA